

ESTER DE
1923 **ABREU** 1997

*convite a uma
biografia*



ANTÔNIA LÚCIA DE MORAIS

Antônia Lucia de Moraes

Ester de Abreu

Convite a uma biografia

1a. Edição

Organização e Posfácio - Nísio Teixeira

Belo Horizonte

Faculdade de Filosofia e Ciências

Humanas

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Morais, Antônia Lúcia de

Ester de Abreu [livro eletrônico] : convite a uma biografia / Antônia Lúcia de Moraes ; organização e posfácio Nísio Teixeira. -- 1. ed. -- Belo Horizonte, MG : Fafich, 2024.
PDF

ISBN 978-65-86989-22-9

1. Abreu, Ester, 1921-1997 2. Cantoras - Portugal - Biografia 3. Discografia 4. Rádio - Brasil - História I. Teixeira, Nísio. II. Título.

24-210992

CDD-780.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Cantoras : Biografia 780.092

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

CRÉDITOS DO E-BOOK © FAFICH/UFMG, 2024.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

[foto da capa: reprodução de carteira profissional de Ester de Abreu, 1948]

Ana Laura Loureiro Miranda

Hugo Gonçalves Almeida Dos Santos

Maria Clara Amorim Faria

Samara Carvalho Martins

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Ana Laura Loureiro Miranda

Maria Clara Amorim Faria

DIAGRAMAÇÃO

Hugo Gonçalves Almeida dos Santos

ASSISTENTE EDITORIAL

Ana Laura Loureiro Miranda

Maria Clara Amorim Faria

O acesso e a leitura deste livro são gratuitos, sendo vedada a sua comercialização. Eventuais usos indevidos dos conteúdos aqui publicados, por parte de qualquer usuário, o torna responsável pelos atos que cometeu.

Apresentação

Foi lá, nas terras d'aleys mar,
onde "o mar espreguiça a areia"
e traz no seu espreguiçar
ondas envoltas em espumas...

Onde o pescador arribou com a rede
e traz peixe do Bom Portugal.

Onde a varina encanta ao passar
com seus passos ligeiros
e seu vestido de brita, sempre alegre a correr
apegoando o seu sustento,
os antigos preceitos matrisiais.

Apresentação do livro

Foi lá, nas terras d'almém mar
onde “o mar espreguiçando-se na areia
traz no seu espreguiçar
ondas envoltas em espumas”
onde o pescador arriba com a rede
e traz peixe do bom, Portugal!

Onde a varina encanta ao passar
com seus passos ligeiros
e seu vestido de chita
cheia de graça e beleza
apregoando o seu sustento
os antigos pregões matinais
da velha Lisboa, capital de Portugal

Onde a voz da cantadeira de fados,
nos “bairros” tradicionais da Cidade,
vem d'alma e do coração
e traz a saudade de um amor distante
ou de uma paixão perdida

Onde a menina alfacinha
Ester de Abreu Pereira veio ao mundo
para ser “artista”, cantora... e interpretar
as enternecedoras canções populares
de seu velho torrão natal

Onde a menina alfacinha
Ester de Abreu Pereira veio ao mundo
para ser “artista”, cantora... e interpretar
fadros e canções de amor
dos dois países irmãos
Portugal e Brasil.

Ester de Abreu 100 anos
A primeira dama da canção portuguesa no Brasil

Versos da saudade

Eu vou contar para vocês,
uma história d’além mar
de sonho, música e poesia
que no Brasil veio atuar

Conto a vida e a carreira
De uma artista singular
Seu canto de amor do “fado”
chegou ao Brasil para ficar
em 1949

Orgulho de Duas Pátrias
De dois países irmãos
Estrela de maior grandeza
Que Portugal nos mandou

O Brasil inteiro acolheu
com seu canto emocionou
até mesmo um presidente
das Diretas Já no país

Aqui viveu e atuou
50 anos o fado cantou
Também o samba, o baião,
e marchinhas de Carnaval
experimentou

Ester de Abreu é com certeza
A estrela luso-brasileira
da Era de Ouro do Rádio
No coração do Brasil

Sumário

Prefácio - A fã conta sua história.....	9
Capítulo 1 - A história do casal de portugueses Manuel e Isabel.....	25
Capítulo 2 - A infância de Ester de Abreu em Lisboa, Portugal.....	33
Capítulo 3 - A adolescência e o casamento prematuro de Ester de Abreu.....	40
Capítulo 4 - Parêntesis: Anos 1940 e 1950 e os efeitos da Segunda Guerra na moda brasileira.....	53
Capítulo 5 - A vinda de Ester de Abreu para o Brasil.....	63
Capítulo 6 - A estreia no Brasil.....	73
Capítulo 7 - A carreira no Brasil.....	87
Capítulo 8 - A morte de Ester de Abreu.....	94
Capítulo 9 - Depoimentos.....	101
Maria Rita e Pedro Gabriel.....	112
Alguns prêmios recebidos por Ester de Abreu no Brasil.....	114
Posfácio.....	116
Agradecimentos Especiais.....	121

Recordar é recortar, no tecido da mente,
pedaços marcantes de vivência passadas.
Os acontecimentos da vida só serão gra-
vados na memória se, no momento de sua
ocorrência, impressionarem o coração, a alma.
O que que Deus marca em nosso mundo
sensível, seja nos agradando, seja nos
machucando, ficará guardado em nossa
mente/coração.
Esses conteúdos vão constituindo nossas
referências internas, nossas premissas,
nossas crenças.

Prefácio

A fã conta sua história

Recordar é recortar, no tecido da mente, pedaços marcantes de vivência passada. Os acontecimentos na vida só serão gravados na memória se no momento de sua ocorrência impressionarem o coração e a alma. Aquilo que nos marca em nosso mundo sensível, seja nos agradando, seja nos machucando, ficará guardado em nossa mente e em nosso coração. Estes conteúdos vão constituindo nossas premissas, nossas crenças. Este livro é o relato de homenagem de uma fã que conta sua história e da admiração que sempre teve pela cantora e atriz luso-brasileira Ester de Abreu (1923-1997), sua musa inspiradora desde criança, na década de 1950.

Talvez você leitor não conheça a cantora portuguesa Ester de Abreu, mas ela já esteve entre as artistas mais populares do Brasil. Em quase 50 anos de carreira no país, gravou 30 discos; tornou o fado “Coimbra – uma canção de amor” um dos maiores sucessos da música lusitana; estrelou quatro longas metragens nacionais; uma fotonovela na revista *Amiga*; estampou centenas de reportagens nos principais jornais e revistas; foi desde alvo de fofocas a ícone da moda, além de ter sido uma das principais vozes da Rádio Nacional do Rio de Janeiro naquela década. Seu nome é pouco lembrado por quem não acompanhou a Era de Ouro do Rádio no Brasil, porém, um dia, ela fez parte da vida de muitos brasileiros e portugueses da minha geração. Ester de Abreu marcou a minha infância com músicas e canções inesquecíveis... derramou a sua voz e o seu talento repletos de emoção em meu coração infantil e adolescente.

Moradora de Vespasiano, então pequena cidade próxima a Belo Horizonte, que se movimentava comercialmente com seus estoques de lojas de tecidos e armazéns e que tinha apenas um posto telefônico que a unia ao mundo, eu era ainda uma criança que gostava de costurar roupinhas e brincar com bonecas. Desde os quatro anos de idade eu já ensaiava costurar fazendo desenhos, retalhos, agulhas e linhas dessas primeiras roupas de bonecas que, anos mais tarde, até fazia para vender na escola. O dom de gostar dessa profissão foi herdada com certeza de minha mãe – “Dona Mariinha” - como era chamada por sua fiel clientela em Vespasiano, onde exerceu o ofício atravessando as décadas de 1950, 1960 e 1970 até se aposentar. Eu também guardava as moedas que meu pai – o músico, instrumentista e compositor “Seu Juquinha” - dava para os quatro filhos para com elas realizar outra paixão: comprar e ler nos finais de semana livros de histórias infantis. O livro impresso, companheiro de minha infância e adolescência, veio antes do rádio entrar em minha vida, assim como a boneca de louça que mais tarde serviria de manequim para eu copiar e costurar versões menores dos vestidos das grifes francesas que Ester de Abreu - então musa inspiradora não pela voz, mas por sua bela imagem - usava na década de 1950.

Nesta época, mais precisamente, em 1953, em um dia comum - não foi Natal, nem meu aniversário - eu ganhei de minha mãe uma boneca de louça da marca Estrela, um presente esperado por muito tempo – visto que era um sonho de toda menina daquele tempo. Uma boneca de olhos azuis, cabelos loiros e cacheados, com bobes cor-de-rosa para enrolar as mechas de cabelos. Dava alguns passinhos para andar com seus quase 50 cm de altura e tinha um chorador na barriga, além de uma boquinha vermelha com dois dentinhos. Um

sonho que acalentei durante anos.

Eu e meu irmão de três anos estávamos sentados na escadaria da Igreja Matriz de Vespasiano ao lado da casa alugada onde toda minha família morava e aguardava a chegada da minha mãe da capital mineira. De repente, um vulto de mulher apareceu lá embaixo, na subida da rua, na travessa da linha do trem de ferro, carregando grandes caixas de papelão. Ao seu lado também um rapaz carregava outras caixas e embrulhos. Neste momento, por intuição, senti que era a minha boneca, meu presente tão esperado que estava a caminho de casa. Num impulso eletrizante, corri em direção à minha casa e cheguei sem fala na sala de visitas onde todos estavam reunidos: meu pai, outros irmãos, vizinhas, Puluca, minha “mãe Preta”, que morava em nossa companhia. Sem conseguir pronunciar uma só palavra, desmaiei de emoção! Quando minha mãe acabou de subir a rua, entrou em casa, abriu a caixa da boneca Estrela e me mostrou dizendo que era o meu presente, não suportei tão grande emoção e desmaiei novamente! Lembro-me de refazer da primeira surpresa com ajuda e solidariedade das vizinhas Dona Caco e Dona Telma, que massagearam meus pés com álcool, compressas de vinagre na testa, alguma coisa no nariz para cheirar... Quando minha mãe tirou a boneca da caixa e me mostrou dizendo “minha filha, é esta a boneca que você me pediu?”. Nesta hora, não consegui segurar o choro... chorei compulsivamente e consegui balbuciar algumas palavras: “não mereço! Não mereço!” Naquela noite perdi o sono: levantava toda hora para olhar a boneca de louça na caixa.

A boneca Estrela, comprada na famosa casa Guanabara em BH, era linda, muito mais bonita do que eu esperava ganhar um dia. Trazia na cabeça um chapéu de abas largas, vermelho e azul-marinho,

em tecido de algodão. Vestia uma blusa de seda branca, com gola e abotoada na frente, com mangas compridas e bufantes. Trajava também uma saia em algodão listrada de vermelho e branco. Tinha um colete por cima da blusa de cor azul-marinho e um lencinho em volta da gola, riscado em vermelho e branco, que dava um laço na frente da veste. Completava a produção dos anos 1950 uma anágua branca engomada e uma calcinha com renda nas perninhas. Nos pés a boneca calçava sapatinho branco e meias da mesma cor. Não foi uma tarefa fácil para que eu pudesse ganhar esta boneca Estrela de louça, com quase 50 cm de altura. Foram uns três anos de espera para que eu pudesse ter esta boneca, visto que a promessa à minha mãe era que eu cuidasse das 14 gaiolas de passarinhos com água e alimentação para suas avezinhas de estimação e paixão, mais a limpeza de suas moradas.

(Anos mais tarde, na adolescência, esta boneca teve um final muito triste para esta sua dona. Pressionada pela família, ela deu a boneca de tantos “sonhos” e espera para sua irmã caçula, Maria de Fátima, que tinha passado mal após cirurgia para retirada das amígdalas, pois achavam que a dona da boneca, agora adolescente, não deveria mais brincar com bonecas).

Mas antes, ali, ainda “menina” de 10 para 11 anos, eu ficava de pé, em cima de uma cadeira, para ouvir melhor o rádio e descobrir a voz de Ester de Abreu – cantora portuguesa que veio para uma apresentação no Brasil em 1949 e acabou se naturalizando brasileira em 1950 e não voltaria mais para Portugal. Quando ouvi Ester de Abreu cantar pela primeira vez foi encantamento via ondas do rádio!

É uma paixão desde aquela época pela voz e interpretação de Ester de Abreu que venceu décadas e permanece até hoje em meu coração de fã número 1!... Ao ouvi-la cantar no rádio ficava muito

emocionada... e um carinho especial pelas músicas portuguesas tomava conta de meu coração que batia forte de tanto sentimento. Era a única hora que entrava em atritos com seu Juquinha pois ele gostava de ouvir os programas de música caipira: Tonico e Tinoco, Jararaca e Ratinho, Duo Guarujá... A chamada música caipira, hoje sertaneja, tinha audiência certa: “Cabocla Teresa”, “Luar do sertão”, “Ranchinho Beira-chão”, foram sucessos inesquecíveis desse tempo. Toda tarde meu pai tocava na sala de estar da casa o seu trompete com canções da época: valsas, boleros, sambas-canções, que alegravam e emocionavam nossos corações - e os da vizinhança também.

Mas o rádio de segunda mão da marca Mullard de 6 faixas – o primeiro que entrou em nossa casa, em 1953, era um só e sempre disputado por mim e meu pai... Até então eu não conhecia o rádio! Aquele aparelho marrom-avermelhado chegou lá em casa um dia pelas mãos de “Dona Mariinha” após uma viagem de três dias a Belo Horizonte (naquele tempo a viagem entre a capital e Vespasiano era de estrada de terra, bastante demorada. Telefone, como dito, só numa cabine da cidade: não havia nas casas). Ela o comprou de um alfaiate primo dela – juntamente com uma nova tesoura de costura.

Com o rádio percebia a vastidão e a enorme diversidade do mundo. Eu gostava, especialmente, de procurar estações estrangeiras, ouvir tantas línguas estranhas e imaginar quão igualmente estranhos deviam ser os donos daquelas vozes. O rádio ficava lá no alto da parede da sala em uma pequena estante de madeira na sala de visitas. O rádio tinha um lugar de honra: era um luxo. As décadas de 1940 e 1950 estavam irremediavelmente ligadas ao mundo através do rádio. Era a modernidade que se lançava sobre a massa brasileira em surpreendente tecnologia: ali com o rádio o mundo começou a ficar online:

notícias, músicas, novelas, propaganda política – inclusive dos tensos momentos da Segunda Grande Guerra. Mas ele também tinha uma função de correio: um filho distante mandava recado para a mãe e os parentes (e até correio sentimental, com oferendas musicais...). Sem dúvida, nessa época, o rádio foi um fundamental instrumento de integração nacional.

Assim como meu pai, meus cinco irmãos não entendiam também a minha admiração pela cantora luso-brasileira Ester de Abreu. Sua voz e interpretação dos fados e canções populares de Portugal sempre foram para mim poemas que descreviam a beleza e costumes da Lisboa de Ester, rodeada pelos seus bairros: Alfama, Madragoa, Estrela, Bairro Alto...

Um dia, estava eu de pé em cima de uma cadeira, como de costume, para ouvir Ester de Abreu cantar no rádio mais de perto e aprender as letras das músicas que ela interpretava com tanto amor e emoção. Quando deu o intervalo do programa com propagandas comerciais, desci da cadeira e aproveitei o momento para ir até a cozinha, beber água, visto que eu ficava bastante emocionada ao ouvi-la cantar, em especial na Rádio Nacional. Neste espaço de tempo, um de meus cinco irmãos, que achava graça na minha empolgação pela cantora lusitana, trocou a cadeira que eu usava para ficar mais perto do rádio por outra, com a perna quebrada. No momento em que eu retornei à sala, nem imaginava a maldade de meu irmão: subi na cadeira e... levei um grande tombo!

Mas, mesmo assim, machucada e chorando muito, coloquei a primeira cadeira novamente no lugar e continuei a ouvir Ester de Abreu cantando na rádio Nacional: “Figueira da foz”. Naquela época, televisão era um luxo para poucos e por um bom tempo, fiquei

imaginando como seria o rosto da intérprete portuguesa que tinha despertado em mim tanto encantamento e admiração pela sua voz.

Um belo dia, numa tarde de 1954 - lembro com saudade deste dia - recebi em minha casa a visita de uma amiga e colega de escola, hoje artista plástica em Vespasiano: Ana Maria Machado. Ao me ver fazendo roupas para bonecas e meu entusiasmo pela cantora Ester de Abreu, me fez uma proposta tentadora. Seu tio, pintor, colecionava várias revistas da época: O Cruzeiro, Manchete, Revista do Rádio, Radiolândia... Então ela sugeriu que eu costurasse um vestido para sua boneca igual ao da minha boneca: em tecido organdi branco, com babados plissados, mangas bufantes com laçarotes na cintura e buquê de flores. Em troca, ela conseguiria várias fotos e reportagens com a artista d'além mar de minha paixão.

Foi desta maneira que a cantora Ester de Abreu passou a ser a musa inspiradora para os cortes dos vestidos de bonecas que eu costumava na minha infância para as bonecas dos anos 1950. Enquanto trocava os vestidos que costumava por fotos e reportagens das revistas que traziam Ester de Abreu, ia aumentando a minha admiração por ela, não só como artista cantora, mas também como grande ser humano, generosa, responsável...

Seu figurino francês, das grifes que visitava o Brasil naquela época, me ajudou a definir a profissão que abracei durante anos: nas ondas do rádio me tornei adolescente ajudando minha mãe na costura. Quando abri mão de meus estudos, eu tinha apenas 12 anos. Aos 14 anos consegui comprar, à prestação, minha primeira máquina de costura de marca Vigorelli. Em 1962 consegui comprar uma televisão da marca Philips só para ver e ouvir Ester de Abreu cantar. Até então, quando a artista vinha a BH, na TV Itacolomi em Minas Gerais, eu a

assistia na casa da senhora Rosa Issa, que possuía a única televisão de Vespasiano. Fui convidada para assistir à apresentação da cantora, pois esta senhora sabia da minha admiração pela artista d'além mar.

Naquelas décadas de 1950 e 1960 a artista luso-brasileira da Rádio Nacional do Rio de Janeiro vinha sempre a BH, onde se apresentava em rádios (Guarani e Inconfidência); clubes (Automóvel Clube de BH; Minas Tênis Clube; Colônia Portuguesa; festividades do Banco da Lavoura e Clube Belo Horizonte), além de boates na capital mineira. Em 10 de junho de 1957 visitava o governo de JK, pela primeira vez, um presidente de Portugal: Francisco Craveiro Lopes, que ficaria no país por vinte dias. Em 15 de junho, com um vestido novo, feito por mim, tive o prazer de conhecer Ester de Abreu pessoalmente, no palco da Rádio Inconfidência, no programa de auditório intitulado Onda Azul, irradiado aos sábados à tarde, das 15 às 17 horas, sob o comando do apresentador e animador José Céu Azul Soares, já falecido. Nessa ocasião no final de sua apresentação no palco da rádio, minha mãe me levou para perto de Ester de Abreu e disse a ela:

- Esta é sua admiradora número 1!

Nesta hora eu disse para Ester, com voz que quase se perdeu ao cumprimentá-la:

- Como vai a senhora ?

E ela me respondeu sorrindo:

- Senhora não, Senhora está no céu...

(Imagino hoje que Ester de Abreu não gostava de se sentir idosa... pois naquela época, contava apenas com 33 anos. E naquele tempo - desde junho de 1956 - ela tinha rompido o badalado noivado com o ex-prefeito do Rio de Janeiro, coronel Dulcídio do Espírito

Santo Cardoso, que acabou se casando com uma moça do comércio, de 25 anos).

Seus cabelos avermelhados já não eram mais os cabelos negros, de quando chegou ao Brasil em 1949. Ester usava vestido meia-estação, padronagem *pied d'poule*, cor cinza, mangas $\frac{3}{4}$, gola italiana, todo abotoado na frente com botões de couro e cinto marrom, comprimento abaixo dos joelhos, sapatos de salto marrom. Mas eu ganhei uma revista Radiolândia que trazia a artista na capa, autografada, e a felicidade voltou a reinar!

Quase dez anos depois, em 1966, o colégio estadual Machado de Assis chegava em Vespasiano e através dele voltei aos bancos escolares, aos 22 anos, estudando à noite porque passei numa prova de seleção para cursar o colegial em quatro anos. Logo depois, fiz mais três anos de formação para professora primária, formando em 1972, no colégio municipal em Belo Horizonte, mas lecionando por pouco tempo. Meu sonho era fazer o vestibular para entrar na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Em 1974, fiz um curso de figurinista pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) e antes mesmo de terminá-lo já fui indicada pelo professor para uma vaga de emprego como estilista de moda na Casa Karina, situada na Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, onde trabalhei por cerca de dois anos (sem carteira assinada). Nesse período cheguei até a fazer propaganda na TV Itacolomi desenhando moda – mas não cheguei a vê-la porque minha TV naquela ocasião estava com as válvulas queimadas...

Em 1976, depois de três tentativas para passar no vestibular da UFMG, estudando dentro do ônibus, na volta para casa e trabalhando 8 horas, mais aulas particulares de Física e Química nos finais

de semana (pois no curso de formação para professoras não havia essas matérias), eu consegui ser aprovada no curso de Letras. Nesse tempo frequentei também o curso de francês da Aliança Francesa em Belo Horizonte, três vezes por semana, graças a uma meia bolsa de estudos conseguida após ser aprovada em um teste da escola. Foi um período de muito trabalho durante o dia e estudo à noite, época em que me distanciei um pouco do rádio e da TV em função dessa dupla jornada. Mas no quinto período, meu pai, que já vinha com saúde abalada há algum tempo, teve que ficar internado. Quando veio a notícia médica de que se tratava de um câncer no fígado eu não tive mais cabeça para estudar e tranquei dois períodos consecutivos na faculdade para ficar no hospital com ele, que veio a falecer em 1981.

Acho que um reencontro mais efetivo com a minha cantora d'além mar foi numa tarde de 1985, no dia do rádio – 25 de setembro – quando, passeando pela avenida Afonso Pena, eu me deparei com a vitrine de uma loja que expunha vários artistas da Era de Ouro do Rádio em bela homenagem: Ângela Maria, Dalva de Oliveira, Emília Borba, Carmélia Alves, Dolores Duran, Ademilde Fonseca e... Ester de Abreu! Na mesma hora, meus olhos percorreram todo aquele espaço, procurando o autor de tão bela obra de tantas recordações. Um cartão de visitas, no canto da vitrine da loja, anunciava o nome do expositor e dava seu endereço: Vanderlei, funcionário do Banco Real (que então existia na rua Espírito Santo), colecionador e pesquisador da Era de Ouro do Rádio brasileiro, de discos e revistas antigas. Então eu fui até o banco para conhecer o autor da exposição.

Vanderlei me recebeu com simpatia pois via na minha pessoa mais uma das várias ouvintes do rádio que o procurava, desde então, para matar a saudade daqueles tempos. Ele era fã de carteirinha da

cantora Marlene, fazia parte de seu fã clube e frequentava sua residência quando ia ao Rio de Janeiro – em especial, nas datas de seu aniversário. Também tinha um hobby: colecionava discos antigos dessa época, sobretudo dos artistas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. De acordo com Vanderlei, seus genitores não aprovavam a sua mania de colecionar revistas e discos antigos e por isso resolveu ir morar com sua avó, que apoiava o seu trabalho. Através dele consegui uma cópia do primeiro programa de Ester de Abreu na Rádio Nacional, datado de 26 de maio de 1951, “Paisagem de Portugal”, cuja estreia é datada em 03 de novembro de 1950. Além disso, ganhei dele uma fita cassete contendo 18 músicas cantadas e interpretadas por Ester de Abreu. Nesta ocasião, Vanderlei me disse que Marlene tinha o número de telefone de Ester. Porém, não insisti em conseguir o número e, desta forma, perdi uma bela e única oportunidade de falar a ela de minha admiração, minha emoção ao ouvi-la cantar e interpretar no rádio e televisão canções de sua terra natal, Portugal. Mais tarde, quando tive a oportunidade de falar ao telefone com a filha única de Ester, Maria Manuela, ela me revelou que Ester sempre esperava que algum fã se lembrasse dela, neste grande Brasil onde ela tinha cantado em quase todos os estados. Naquela ocasião, década de 1980, a artista da terra de Camões já estava afastada dos palcos das rádios, televisão, shows e sentia falta dos aplausos, de sua vitoriosa carreira artística no Brasil, em especial na Rádio Nacional, onde foi estrela exclusiva e obteve seus maiores sucessos.

Paul Ricoeur escreveu uma vez que reconhecer uma lembrança é reencontrá-la. Reencontrá-la, principalmente, é presumi-la disponível, se não acessível. Disponível como à espera de recordações, mas não ao alcance da mão. Cabe assim a experiência do reconhecimento

remeter a um estado de falência da lembrança da primeira impressão. Em 2004, dia 11 de maio, Dia das Mães, a cantora Ângela Maria fez um show em praça pública de Vespasiano. Após enfrentar uma multidão de pessoas, abri espaço para me aproximar da artista e perguntar por Ester de Abreu. A resposta dada pela “Sapoti” chegou em mim como uma bomba, uma punhalada em meu coração:

- Ester de Abreu morreu!

Naquele instante o mundo desmoronou em minha volta, fiquei sem chão pois era meu sonho homenageá-la em vida e não consegui!... Muitos anos haviam se passado desde sua morte, mas senti que alguém deveria fazer alguma coisa para que mais uma artista dos anos 1950 não ficasse perdida no tempo.

Como isso nunca saiu da minha cabeça, resolvi eu mesma começar a resgatar a história e memória de Ester de Abreu. O primeiro passo surgiu com a ideia de um abaixo assinado reunindo cerca de 5 mil assinaturas de pessoas entre 15 a 80 anos, colhidas nas cidades de Vespasiano, Lagoa Santa e Belo Horizonte ao longo de três meses para levar a uma emissora de televisão a solicitação de um programa especial que relembresse a trajetória de vida e sucesso de Ester de Abreu no Brasil. Com a recusa, resolvi prosseguir na pesquisa sobre a cantora com a finalidade de propor um projeto para as leis de incentivo estadual e federal que pudesse organizar essa homenagem. Em um primeiro momento, me cobraram muito caro para ajudar nessa organização e, em um segundo momento, obtive ajuda e resolvi elaborar por conta própria, quando me dei conta que seria importante incluir um depoimento e até mesmo um consentimento da única filha de Ester sobre esse trabalho.

Meu primeiro encontro com a única filha de Ester, Maria

Manuela Pereira Rodrigues, foi pelo telefone a partir das 20h30 em 08 de novembro de 2005. Tudo aconteceu através de um vídeo gravado no programa “Sem Censura” da TVE, em março de 1992 - um presente de muita emoção que recebi das mãos do colecionador de revistas antigas, senhor Luiz Carlos Fricher, durante a missa celebrada em ação de graças à cantora Ester de Abreu um mês antes, em 23 de outubro de 2005 na Basílica de Nossa Senhora de Lourdes, em Belo Horizonte por ocasião da passagem do 8º aniversário do falecimento de Ester de Abreu, por mim solicitada. Nesta entrevista ao programa, Ester revelou a profissão e o local de trabalho de sua filha: Maria Manuela era formada em advocacia e era funcionária do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) na Cidade Maravilhosa, onde exercia o cargo de Diretora do Departamento de Recursos Humanos.

Logo em seguida a este fato, contei com a ajuda e solidariedade do senhor Maurício, o funcionário mais antigo do Automóvel Clube de Belo Horizonte, onde Ester de Abreu se apresentava durante almoços para figuras da política, como Tancredo Neves – que tinha especial apreço pela interpretação de Ester na canção “Rosinha dos limões” - e também em “noites de gala” para a alta sociedade da capital mineira. Com um cartão de visita de Maurício, foi possível falar com o sr. Rogério Correia da Silva, diretor do TRE em Belo Horizonte, no bairro Cidade Jardim, onde fica sua sede. Sensibilizado por este trabalho de pesquisa, Rogério forneceu informações e contatos para o TRE no Rio de Janeiro.

Logo após, procurei o sr. Francisco, dono de uma pequena fábrica de camisetas onde foram produzidas 80 peças brancas silkadas com a foto da artista alfacinha para homenageá-la durante a referida missa. Ele fez a gentileza de digitar e enviar meu e-mail de contato para

o local de trabalho da filha de Ester de Abreu, no Rio de Janeiro. Ao receber o meu e-mail, todavia, o Departamento de Recursos Humanos me informou que a filha de Ester de Abreu já tinha se aposentado, mas que iria tentar entrar em contato com ela e repassar meu e-mail para apreciação. Foi desta forma que Maria Manuela na ocasião tomou conhecimento e ficou muito sensibilizada com este trabalho de pesquisa, tendo enviado parte do acervo deixado pela cantora no Brasil, que ilustram essa obra (fotos antigas, documentos de trabalho, vídeos, discos, jornais da época) e até mesmo um xale espanhol de seda preto com franjas de 50 cm, com flores coloridas, pertencente a Ester e que guardo com muito carinho. Três anos mais tarde, Manoela também envia a autorização para “tratar do trabalho de pesquisa e dar continuidade ao projeto cultural em memória de minha mãe Ester de Abreu Pereira, nome artístico ESTER DE ABREU, cantora e atriz luso-brasileira que viveu e atuou no Brasil 49 anos, falecida em 24 de fevereiro de 1997 nesta cidade, com o objetivo principal de editar e publicar um livro biografia em sua homenagem.”

Reverenciar nossos ídolos do passado é um ato de amor e carinho, é um reconhecimento pelo muito que fizeram em prol do rádio, da música, da televisão e do cinema brasileiro. Um dia, essas pessoas fizeram parte de nossas vidas, marcaram a nossa juventude com músicas e canções inesquecíveis, derramaram o seu talento e sua emoção em nossos corações adolescentes. Em sua época foram grandes, poderosos, inatingíveis, encantadores. Deixaram um rico acervo para as gerações futuras, cheio de histórias e vitórias. A década de 1950 marcou estes ídolos que permanecem em nossa memória e em nossa saudade. Tempo de música, temas e comportamentos românticos, que massageavam o nosso ego e a nossa sensibilidade de seres

humanos. Há mais de um quarto de século, Ester de Abreu deixou o seu brilho na Terra e foi brilhar em outro planeta para que ninguém a esquecesse. Esta saudade paira no ar e repousa agora aqui neste livro, que compartilho com você, pessoa que me lê!

Capítulo 1
A história do casal de portugueses
Manuel e Isabel



1ª Trimina

Ver esse documento p/ passar a tempo

1º capítulo do livro Histórico Biográfico da
Mansa da Canção Portuguesa no Brasil;

Ester de Obreu

Em Busca das Origens da Família,
Obreu Pereira

O primeiro capítulo deste livro histórico,
biográfico, um tributo à história e memória
da cantora e atriz luso-brasileira Ester de
Obreu, é dedicado ao Senhor Manuel Thomaz
município de Obreu Pereira e Senhora
Isabel Jordens de Almeida seus genitores.
Eles viveram em Portugal. Lúsbod, um
romance de amor durante décadas, porém,
proibido por lei!

No entanto, conseguiram ultrapassar as
inúmeras barreiras e obstáculos que impe-
diam este relacionamento amoroso.

Operar da diferença de idade, do estado
civil do casal, de portugueses, das condições
sociais do conjuíto e do preconceito da
sociedade da época, os genitores de Ester
de Obreu Pereira, viveram 24 anos de uma
união extra conjugal.

Construíram uma grande e bela família,
apoiada no respeito e dedicação ao prole;

O primeiro capítulo deste livro histórico-biográfico, um tributo à história e memória da cantora e atriz luso-brasileira Ester de Abreu, é dedicado ao senhor Manuel Hermenegildo de Abreu Pereira e à senhora Isabel Cordeiro de Almeida, seus genitores. Eles viveram em Portugal, Lisboa, um romance de amor durante décadas, porém, proibido por lei!

No entanto, conseguiram ultrapassar as inúmeras barreiras e obstáculos que impediam este relacionamento amoroso. Apesar das diferenças de idade, do estado civil do casal de portugueses, das condições sociais do cônjuge e do preconceito da sociedade da época, os genitores de Ester de Abreu Pereira viveram 24 anos de uma união extraconjugal. Construíram uma grande e bela família, apoiada no respeito e dedicação à prole; preocupados com a formação e educação dos quatro filhos; deixaram netos, bisnetos que até hoje vivem no Brasil e Portugal.

Era o final da primavera da primeira década de 1900, isto é, no século passado. Nas vielas e ruas estreitinhas dos velhos bairros da cidade cheia de encantos e beleza, escalava o perfume de flores e mar, trazendo para sua gente momentos de alegria e prazer.

Neste cenário que descortina a natureza, na estação mais bonita do ano, Isabel, uma jovem e formosa alfacinha dos arredores de Lisboa, aos 15 anos, varina, andava largas horas pelas vielas e ruas dos bairros antigos da Rainha do Tejo, para vender o sustento de sua família: os peixes. Isabel Cordeiro de Almeida, que mais tarde viria a ser mãe de Ester de Abreu Pereira, era esta menina-moça, filha de uma família simples e humilde de Portugal, com pouco estudo, mas inteligente e prendada. Sabia bordar com perfeição, costurava muito bem e, na cozinha, fazia um arroz doce que mais tarde no Brasil, década de

1950, iria conquistar o paladar do ator e apresentador Paulo Gracindo, colega e amigo pessoal de Ester de Abreu.

A varina Isabel conheceu Manuel Hermenegildo de Abreu Pereira, um varonil e jovem senhor com idade bem superior à dela, galante e sedutor, porém casado! Este senhor era um produtor rural e agropecuarista bem sucedido em Lisboa. Possuía terras com plantações grandiosas nas encostas cobertas de parreiras, onde a água cristalina nascia fazendo brotar as plantas e crescer em abundância as uvas de boa qualidade. Com elas fazia o vinho artesanal de sua terra natal, Lisboa.

Além deste produto de fino gosto, o jovem senhor Abreu Pereira ainda criava aves e animais que lhe davam o sustento de família numerosa. Mas o futuro pai de Ester de Abreu, apesar do trabalho rude do campo, era um homem muito sensível e dedicava horas à sua grande paixão: a música. Ele tocava vários instrumentos: violão, violino, sax, trompete... um músico autodidata.

Nos acontecimentos sociais e religiosos de sua comunidade, o senhor Abreu Pereira procurava sempre colaborar com os seus doativos e a sua música. Era alegre e participativo! O produtor rural e agropecuarista, no entanto, já tinha filhos crescidos e uma família abençoada pelas leis da Igreja e pelas leis dos Homens. Mesmo assim, o senhor Abreu Pereira apaixonou-se pela juventude e beleza da varina Isabel à primeira vista! E durante meses a seguiu pelas ruas e vielas estreitinhas dos velhos bairros da cidade airosa, cheia de encantos, onde ela costumava passar apregoando o seu sustento, os peixes.

A senhora Isabel, como costumava contar para a neta Maria Manuela, filha única de Ester de Abreu, tentou fugir dos galanteios daquele homem sedutor, já compromissado, mas tudo em vão, não

conseguiu! Aos poucos ele foi conquistando o seu coração adolescente, cheio de ilusão e esperança de uma vida melhor. Apaixonado pela linda alfacinha varina, o senhor Abreu Pereira insistiu no romance proibido até conseguir conquistá-la e torná-la sua mulher!

Em 1910 o casal de portugueses Manuel e Isabel viveu esse grande amor extraconjugal e a jovem alfacinha ficou logo grávida do seu primeiro filho, o menino Manuel de Abreu Pereira, um dos quatro filhos que tiveram em quase três décadas de convivência amorosa. O tempo foi passando e os genitores da estrela luso-brasileira apaixonados assistiram ao nascimento de mais três filhos! O segundo rebento, uma menina que nasceu em 16 de abril de 1912, foi batizada com o nome de Julieta de Abreu Pereira.

O terceiro filho, outra menina, Ester de Abreu Pereira, veio ao mundo 11 anos após o nascimento de sua primeira irmã, Julieta, em 1923. Três anos mais tarde, nasceu a caçula da família, Hermenegilda de Abreu Pereira (Gilda Valença, no Brasil) em 13 de fevereiro de 1926. A última dos quatro filhos da segunda família do senhor Abreu Pereira deu muito trabalho para seus pais, visto que quando nasceu era bem pequena, uma criança frágil que precisou de cuidados especiais para sobreviver. Neste tempo, a medicina ainda estava incipiente.

Com os filhos nascendo e crescendo, enchendo a casa de alegria e barulho, o casal de portugueses era só felicidade! Nos fins de semana a família Abreu Pereira reunia a prole para verdadeiros recitais de arte, canto, música e poesia. Enquanto todos cantavam e recitavam versos de poemas de grandes compositores da “terrinhã”, o pai de Ester de Abreu Pereira tocava os seus instrumentos musicais, confraternizando com os filhos e a mulher Isabel, razão da sua vida.

Além de toda felicidade que rondava a segunda família do

senhor Abreu Pereira, ele estava sempre preocupado com a formação e educação da prole. O primeiro varão do casal, Manuel de Abreu Pereira, já estava estudando para seguir a carreira de oficial da Marinha Portuguesa. A primeira filha, Julieta de Abreu Pereira, uma adolescente com espírito aventureiro e bem à frente do seu tempo, estava sempre em conflito com seus genitores, que não conseguiam compreender seus desejos e anseios de vida, além dos padrões da sociedade daquela época. De alma cigana, a jovem rebelde era com certeza a maior preocupação do pai de Ester de Abreu.

Por este motivo, inconformado com a natureza da jovem que sonhava em alcançar a felicidade e a liberdade em terras brasileiras, resolveu internar suas duas filhas menores em uma escola pública de Lisboa, prevendo um futuro promissor para ambas. E foi no colégio Santo Antônio, em Lisboa, que a segunda e a terceira filha do casal Abreu Pereira tiveram a oportunidade de estudar e aprender as primeiras letras. Mais tarde, ainda adolescentes, puderam usufruir do conhecimento de vários idiomas: francês, espanhol, italiano ensinados neste educandário público na capital de Portugal, Lisboa.

Ester de Abreu e a irmã caçula Hermenegilda de Abreu Pereira formaram-se neste educandário para professora primária e contadora, respectivamente. Neste período de estudantes, as meninas, apesar de internas, tinham o direito de ir para casa, ficar em companhia dos pais nos finais de semana. Isabel e Manuel aguardavam ansiosos a volta de Ester e Hermenegilda, que sentiam muita falta do carinho e dedicação de seus genitores. Só assim a família Abreu Pereira poderia se reunir novamente, para felicidade de todos.

O tempo corria e um dia a esposa legítima do senhor Abreu Pereira veio a falecer. Neste momento o pai de Ester de Abreu, então

viúvo, propôs a Isabel legalizar a união do casal, visto que não havia mais nenhum impedimento para aquela união extraconjugal. Ambos podiam também ter um matrimônio abençoado pelas “leis da Igreja” e pelas “leis dos homens”? Porém, alegando que não precisava mais do casamento para ser feliz, Isabel não aceitou aquela proposta do companheiro de tantos anos.

Com esta decisão, por mágoa ou falta de conhecimento das leis que regiam os enlaces matrimoniais do século passado, a mãe de Ester de Abreu Pereira acabou prejudicando os quatro filhos da segunda união do senhor Abreu Pereira. Quando o produtor rural e agropecuarista faleceu, após 24 anos de convivência do casal – a segunda filha, Ester, estava com 11 anos de idade e a caçula, Hermenegilda, contava apenas com 8 anos – os filhos do primeiro casamento do senhor Abreu Pereira, reivindicaram o direito à herança deixada por ele, uma vez que a sua segunda união não era legalizada.

Ester e os três irmãos não participaram da partilha dos bens deixados pelo pai, porque naquela época a lei discriminava os herdeiros nascidos fora do matrimônio. Isabel ficou viúva aos 39 anos e lutou muito para acabar de criar as duas filhas ainda crianças, e seu neto, filho de Julieta, a primeira filha que partiu para o Brasil com 19 anos e não mais regressou ao convívio de sua família em Lisboa. Isabel, após a morte de seu companheiro, durante a semana trabalhava como governanta na casa de uma família francesa na “Terrinha”. Inteligente e esforçada, apesar do pouco estudo, Isabel chegou a falar o idioma com perfeição graças à convivência com os donos da casa, e a presença da língua francesa no dia a dia de seu trabalho.

Nos finais de semana, quando as filhas Ester e Hermenegilda, internas no colégio Santo Antônio, iam para casa ficar em sua compa-

nhia, Isabel voltava para o seu antigo ofício de varina, desta vez com as duas filhas seguras à sua saia. Elas andavam horas pelas vielas e ruas estreitinhas da capital portuguesa, onde Manuel e Isabel se viram pela primeira vez.

Em 1952, a mãe de Ester de Abreu veio para o Brasil morar com a filha famosa no país irmão e a neta Maria Manuela. A senhora Isabel Cordeiro de Almeida faleceu aos 95 anos na cidade do Rio de Janeiro, onde foi enterrada em solo brasileiro, junto com as duas filhas Ester e Hermenegilda (Gilda Valença). Posteriormente, em 2006, a neta Maria Manuela mandou cremá-las, contrariando o último desejo de sua mãe, Ester, que tinha lhe feito o pedido de conservar seus restos mortais no cemitério São João Batista para visitação pública.

Capítulo 2
A infância de Ester de Abreu em
Lisboa, Portugal



O Livro histórico-biográfico de *Primiza*,
A *Dama da canção Portuguesa no Brasil*

A Infância de Ester de Abreu,

Em Lisboa, Portugal

Capítulo 2

Ester de Abreu Pereira, a segunda filha dos quatro rebentos do casal Manuel Hermenegildo de Abreu Pereira e da Varina Isabel de Deus de Almeida, passou a sua infância em Lisboa, Portugal, onde nasceu na Rua São Filipe Nery n.º 1, em 25 de Outubro de 1923.

Oh, aquele pedacinho de cachopa viveu feliz até à sua adolescência, cercada de carinho e amor por seus genitores.

Doze anos mais nova que sua primiza irmã, Julieta de Abreu Pereira, a mesma alfacinha, Ester, quando veio ao mundo trouxe a luz de uma estrela.

Seu brilho fortaleceu a união da segunda família do Sr. Abreu Pereira e fez o amor do casal de portugueses, seus genitores, florescer de novo.

Ester cresceu numa casa portuguesa com certeza, como nos versos da canção "Uma Casa Portuguesa", com cheirinho a alfarins, quatro paredes caiadas, duas rosas.

A data de nascimento correta da cantora luso-brasileira Ester de Abreu, segundo depoimento de sua filha única, Maria Manoela, para esta pesquisa é 25 de outubro de 1923 – e não 1921. Segundo Manoela, a data de nascimento da artista portuguesa foi alterada para que Ester pudesse trabalhar na Emissora Nacional de Lisboa. Naquela época, os anos 1930, em Portugal, o artista tinha que ter 16 anos e como Ester tinha apenas 14 anos foi necessário aumentar a sua idade para dois anos a mais, visto que ela tinha passado em um teste na Rádio de Lisboa para ser apresentadora de um programa dedicado ao público juvenil.

Assim, Ester de Abreu Pereira, a segunda filha dos quatro rebentos do casal Manuel Hermenegildo de Abreu Pereira e da varina Isabel Cordeiro de Almeida, passou a sua infância em Lisboa, Portugal, onde nasceu na Rua São Filipe Nery nº..., em 25 de outubro de 1923. Ali, aquele pedacinho de cachopa viveu feliz até a sua adolescência, cercada de carinho e amor por seus genitores.

Onze anos mais nova que sua primeira irmã, Julieta de Abreu Pereira, a menina alfacinha, Ester, quando veio ao mundo trouxe a luz de uma estrela. Seu brilho fortaleceu a união da segunda família do Sr. Abreu Pereira e fez o amor do casal de portugueses, seus genitores, florescer de novo.

Ester cresceu. Numa casa portuguesa com certeza, como nos versos da canção “Uma casa portuguesa”, *com cheirinho a alecrim, quatro paredes caiadas, duas rosas no jardim, um São José d’azulejo, sob o sol de primavera... pão e vinho sobre a mesa*. Clássico da música popular portuguesa (MPP) de todos os tempos, que seria lançado, anos mais tarde no Brasil em 1953, com gravações vitoriosas como as de Manuel Monteiro e Gilda Valença, irmã de Ester de Abreu. A

canção permaneceu nas paradas de sucesso por vários meses Brasil a fora, e fez Gilda Valença ficar conhecida no país irmão, nos Anos Dourados do Rádio. Três anos mais tarde, em 1956, pela gravadora RCA Victor, a própria Ester de Abreu grava “Uma Casa Portuguesa”, em ritmo de baião com muita personalidade, na sua interpretação de música tipicamente brasileira. A questão é que a canção foi oferecida pelos seus compositores, de fato e em primeiro lugar, a Ester de Abreu, conforme depoimento da filha da artista. Ester, porém, preferiu passar o convite para sua irmã Gilda, ainda desconhecida no Brasil, prevendo o seu sucesso - o que com efeito acabou acontecendo.

Assim, naquela casa portuguesa, meiga e generosa, a pequena alfacinha, segunda filha da varina Isabel, cheia de graça e beleza, seduzia a todos da família com a sua inteligência e o seu talento para as artes em geral. Ester foi uma criança precoce; aprendeu tudo com amor e responsabilidade. Já trazia no sangue e na alma a sensibilidade e a força da arte herdadas, com certeza, do pai, que era músico - “o dom de cantar e representar”. Era desta maneira orgulhosa que a senhora Isabel se referia sempre à sua segunda filha, Ester. Ela passava largas horas, contando para a neta, Maria Manuela, como era sua mãe na infância, em Lisboa, Portugal. Desde muito cedo, a menina faceira, gostava de ajudar sua mãe nos afazeres domésticos e aprender com ela a arte de bordar e costurar; estas, herdadas com certeza da varina Isabel. Mais tarde, no Brasil, fazia essas tarefas com capricho e perfeição. Ester de Abreu sabia cerzir uma meia como ninguém e enfeitar os seus vestidos de noite com pedrarias para suas apresentações em palcos brasileiros e estrangeiros.

A pequena Ester também pode desfrutar da companhia paterna e do que a natureza podia lhe oferecer em Lisboa, Portugal. O

pai, dono das terras cultivadas de plantações frondosas, criava também aves e animais para o sustento da família numerosa. A segunda filha de Sr. Abreu Pereira, corria feliz entre o verde dos campos, cobertos de flores e frutos, com a pele morena bronzeada pelos raios solares, a beleza inocente estampada no rosto infantil, e os cabelos negros soltos ao vento. Aquela menina alfacinha já amava a natureza e valorizava a vida que seus genitores podiam lhe proporcionar no seu torrão natal. Em meio a tantas belezas do campo, Ester ajudava o pai na colheita das uvas, a cuidar do rebanho das ovelhinhas e saboreava também o doce das frutas de boa qualidade da velha e tradicional capital de Portugal, Lisboa. Depois, gostava de montar em seu cavaliinho predileto, presente do pai, e cavalgar campo afora; sua maior distração. Com olhos vivos, castanhos, corria pela estrada, pelo mundo encantado das crianças; eles pareciam querer descobrir a vida ao seu redor, e chamavam atenção, de quem dela se aproximava, tal era o brilho que irradiavam com a sua luz.

O brilho destes mesmos olhos castanhos foram, tempos depois, na fase adulta da artista, já casada, fonte de inspiração para o compositor português Alves Coelho Filho fazer uma canção para ela. Enfeitiçado com o olhar da estrela portuguesa ele compôs no piano da residência do Sr. Eugênio Pereira Rodrigues, marido de Ester, a canção “Olhos Castanhos”, o que teria provocado um desentendimento entre o marido da artista e o compositor Alves Coelho Filho. Em respeito ao companheiro e pai de sua filha, Ester preferiu não gravar esta canção. Porém, outras composições do autor de “Olhos Castanhos”, fizeram parte de seu repertório, com muito sucesso, em Portugal e no Brasil.

Interna no Colégio Santo Antônio em Lisboa, aos sete anos,

pelo Sr. Abreu Pereira, que almejava para a filha um futuro promissor, a menina alfacinha, nesta ocasião, já demonstrava sua vocação artística, quando na hora do recreio, deste educandário público, gostava de brincar com as outras crianças de cantar e representar. Alegre e vaidosa, a menina faceira gostava de ser fotografada, sabia se posicionar diante de uma câmera fotográfica com graça, beleza e personalidade. Pré-requisitos para se tornar, tempos depois, debutante da Agência de Publicidade Artística (A.P.A.), dos programas da Emissora Nacional de Lisboa, ícone da moda e estrela luso-brasileira, que encantou as plateias brasileiras com o seu charme, na Era de Ouro do Rádio.

Com o dom da arte que Deus lhe deu e que herdou do pai, aos oito anos, foi a primeira solista do coral de crianças, organizado pelas mestras, surpreendendo e encantando a todos quantos a escutava, professores, funcionários, e o público em geral que vibrou com o seu talento e apresentação.

Nas festas escolares de finais de ano, era sempre a menina Ester, filha do Sr. Abreu Pereira, quem mais se destacava na arte musical e apresentações de artes cênicas. Aos 10 anos de idade, em 1933, a artista alfacinha, Ester, fez a sua estreia no Rádio, em um programa dedicado ao público infantil, na Emissora Nacional de Lisboa, quando interpretou com sentimento sua canção favorita “Maringá”, de autoria do brasileiro Joubert de Carvalho, médico e compositor do triângulo mineiro da cidade de Uberaba. Esta canção brasileira, um clássico da MPB, marcaria a sua carreira artística, em mais duas ocasiões especiais, na mesma Rádio de Lisboa.

Durante a semana a menina artista era aluna interna do Colégio Santo Antônio, mas nos finais de semana, quando voltava para

casa e podia ficar com a família, participava dos programas infantis da Emissora Nacional de Lisboa, pois o seu grande “sonho”, acalentado desde esta época, era de se tornar uma cantora profissional.

Foi no colégio Santo Antônio, onde aprendeu as primeiras letras, e pode usufruir, também, do ensino de vários idiomas, que Ester de Abreu, mais tarde, na adolescência, se formou para professora, como era do desejo de seu pai, chegando a lecionar para crianças pequenas nas escolas de sua comunidade. Infelizmente, o sr. Pereira não pode testemunhar nem essa, nem as demais façanhas da artista. Ester perdeu o pai que tanto admirava aos 11 anos de idade.

“Ester foi uma filha abençoada por Deus.” Assim dizia a senhora Isabel para a neta, Maria Manuela, filha única da artista luso-brasileira, “trouxe paz e alegria para nossa casa, embalou nossa vida, a minha e a do Manuel. Quando nasceu, não chorou, cantou em ‘fado’, tinha que ser artista cantora!”

Capítulo 3
A adolescência e o casamento prematuro
de Ester de Abreu



Estes, era então, aos 15 anos de idade, em 1938, uma linda jovem, cheia de sonhos e projetos de vida.

Mas, esta, de pai, sem direito a sua herança por ser filho natural, com um diploma de professora nas mãos, tomou a iniciativa de ir pedir auxílio ao governo de Portugal, pois precisava logo começar a trabalhar.

O programa em Brásias, era transmitido apenas aos fins de semana. Assim a segunda filha da Varina Isabel, poderia exercer a missão de magistério, como era do desejo de seu pai, que almejava para ela e os três irmãos, um futuro promissor.

Sem imaginar que o destino bateria a sua porta e mudaria os seus projetos de vida, a jovem souha dora,

A infância feliz que viveu a menina alfacinha, Ester, em Lisboa, Portugal, foram anos de muito amor e carinho, no seio familiar, em companhia de seus genitores e dos irmãos, Manuel, Julieta e Hermenegilda. Porém, alguns anos se passaram, desde a sua primeira apresentação no palco da Emissora Nacional de Lisboa, aos 10 anos de idade, quando interpretou com sentimento e personalidade a canção brasileira, “Maringá”, sua música preferida, clássico da MPB. Nesta ocasião, deixou a plateia do auditório da “Rádio”, emocionada com o seu talento, tendo que bisar a canção de Joubert de Carvalho, mais de uma vez. Seu “sonho” de cantar com uma grande orquestra, de ser aplaudida por um público imenso, de se tornar uma cantora de “Rádio”, começava a se realizar naquele instante!

Mas, além da perda dolorida na vida com o falecimento de seu pai, ainda na pré-adolescência, outra ausência profundamente sentida pela segunda filha da varina Isabel foi a viagem de sua primeira irmã, Julieta, para o Brasil, na década de 1930, quando Ester contava apenas com sete anos de idade. Julieta tinha deixado em sua terra natal um filho ainda pequeno, sob os cuidados dos avós maternos.

Mesmo distante do seio familiar, a filha primogênita do Sr. Abreu Pereira mantinha correspondência com sua segunda irmã e contava maravilhas da terra de Ari Barroso, Joubert de Carvalho, Dorival Caymmi, Luiz Gonzaga... todos muito conhecidos em Portugal nas décadas de 1930 e 1940. Tantos foram os acontecimentos na vida da artista menina, que derramaram em seu coração infantil, momentos de emoção, alegrias e tristezas, traçando o perfil da jovem adolescente.

Os dons artísticos que Deus lhe deu, e que herdou do músico autodidata, seu pai, foram os responsáveis para que Ester, anos mais

tarde, aos 14 anos de idade alcançasse o 1º lugar em um concurso, na Emissora Nacional de Lisboa, para ser apresentadora de um programa dedicado ao público juvenil, nos finais de semana. Com dezenas de candidatos para esta vaga, ela conseguiu convencer o júri de seu talento, cantando músicas de três países diferentes; França, Brasil e Portugal, com destaque para sua canção favorita, “Maringá”. Na época em que foi realizado este concurso, a Rádio de Lisboa, só contratava artistas acima de 16 anos, e a jovem alfacinha tinha apenas 14 anos. A solução do impasse veio com a citada alteração na sua certidão de nascimento, em dois anos a mais, para que Ester pudesse exercer o ofício de apresentadora de um programa dedicado ao público juvenil. É por esta razão que existe no Brasil uma controvérsia a respeito da data exata de seu nascimento, visto que, na verdade, Ester de Abreu nasceu em 1923 e não em 1921, como foi publicado nos jornais e revistas dos “Anos Dourados do Rádio” - assegura sua única filha, Maria Manuela, ao contar este episódio da vida de sua mãe, para esta pesquisadora.

As apresentações da estudante artista, como profissional no palco da Emissora Nacional de Lisboa, não impedirão que ela continue a dedicar boa parte do seu tempo aos estudos. Um ano depois de trabalhar como apresentadora, nos finais de semana, na Rádio, a menina moça alfacinha recebia o seu certificado de professora primária pelo colégio Santo Antônio, em Lisboa, onde foi aluna interna e aprendeu as primeiras letras, usufruindo também do aprendizado de vários idiomas, francês, italiano... Ester era então aos 15 anos de idade, em 1938, uma linda jovem, cheia de sonhos e projetos de vida.

Mas, órfã de pai, sem direito a sua herança por ser filha natural, com um diploma de professora nas mãos, tomou a iniciativa de ir

pedir emprego ao governo de Portugal, pois precisava logo começar a lecionar. O programa na Rádio era transmitido apenas nos finais de semana. Assim a segunda filha da varina Isabel poderia exercer a missão do magistério, como era do desejo de seu pai, que almejava para ela e os três irmãos, um futuro promissor. Sem imaginar que o “Destino” bateria a sua porta e mudaria os seus projetos de vida, a jovem sonhadora, filha do Sr. Abreu Pereira, foi tentar a sorte, visto que, naquela época, conseguir uma vaga para começar a lecionar era muito difícil, principalmente se a formanda tivesse pouca idade. E foi lá, naquela repartição pública em Lisboa que, a recém formada professora, Ester, conheceu o seu futuro marido, ao tentar o emprego com o governo de Portugal.

O jovem Sr. Eugenio Pereira Rodrigues era um alto funcionário público do ministério português, com idade bem superior a dela, porém atencioso e cavalheiro. Sem experiência no amor, a jovem adolescente, cheia de sonhos e fantasias, viveu um breve romance com esse senhor, de quem ficou grávida aos 15 anos. Neste momento Ester teve que adiar os seus projetos de vida, para se dedicar aos preparativos de seu casamento realizado às pressas, apenas no civil. Seu sonho de trabalhar na Rádio e de se tornar uma cantora profissional, tinha que ser adiado!

Mas, segundo depoimento de Maria Manuela, filha única da estrela d’além-mar, seu primeiro grande amor foi com um colega de profissão, chamado Carlos. Este jovem artista da Rádio de Lisboa tinha pouco mais de 16 anos e apaixonou-se também pelos encantos da segunda filha da varina Isabel, que contava então apenas com 13 anos de idade. Mas o romance do jovem casal de artistas da Emissora Nacional de Lisboa foi interrompido quando a família de Carlos

resolveu mudar-se da velha e tradicional capital de Portugal para outra cidade do país, levando com ela o adolescente Carlos e seus sonhos de primeiro amor. Algum tempo depois, Carlos regressou a Lisboa para reatar o amor perdido, inconformado com a separação repentina da primeira namorada. Nesta ocasião, dois anos tinham se passado e o jovem namorado não foi bem-sucedido em sua volta à capital de Portugal, Lisboa, em busca do seu primeiro amor. A jovem adolescente e artista, Ester de Abreu, aos 15 anos, já estava casada e esperava sua primeira e única filha, Maria Manuela Pereira Rodrigues.

A decepção com o marido veio no mesmo dia do enlace matrimonial, quando a recém-casada, Ester, sentada em um banco, durante a festa de casamento, passando mal com os enjoos dos primeiros meses de gravidez, assistia desolada o seu marido, Eugenio, dançar alegre com as outras cachopas, sem lhe dar um pouco de atenção. Mãe e adolescente, com a responsabilidade de uma “Rainha do Lar”, ela viveu os quatro primeiros anos de seu casamento dedicados exclusivamente ao marido e a filha, Maria Manuela Pereira Rodrigues, nascida em 3 de maio de 1939.

Neste mesmo ano, estourava a Segunda Guerra Mundial e o funcionário público do ministério português perdia o seu emprego. Seu casamento realizado apenas no civil não foi uma relação estável. Em casa, as brigas e os desentendimentos entre o casal eram constantes. O marido e a filha não conseguiam preencher o vazio que a artista, Ester, trazia na alma e no coração. Seu desejo era de voltar a cantar na Emissora Nacional de Lisboa, onde tinha iniciado a sua carreira artística. A criança que as circunstâncias transformaram em mulher nos verdes anos da adolescência, não conseguiram vencer e nem anular dentro de seu peito, aquela força pungente, que só os grandes ideais,

sabem produzir, a arte!

A jovem esposa e mãe matava a saudade de seu antigo ofício de cantora, convidando os exs-colegas de profissão e os compositores da “Terrinha”, para sessões musicais no piano de sua residência, quando todos se confraternizavam cantando, tocando e compondo músicas que mais tarde fizeram grandes sucessos mundo afora.

Mas o Sr. Pereira tinha muitos ciúmes da esposa, que era vaidosa desde criança. Ester gostava de se vestir com elegância, maquiagem o rosto, passar batom, pintar e enfeitar os cabelos para receber os seus convidados. Porém seu marido não conseguia compreender aqueles caprichos e o lazer da jovem esposa, artista por natureza. Além de não aceitar a carreira de cantora de sua companheira e mãe de sua filha, ele não gostava que ela convidasse os antigos colegas e compositores lusitanos para as audições de canto e composições no piano de sua residência.

A filha do casal, Maria Manuela, quando criança, presenciou por várias vezes as brigas entre o pai e a mãe Ester, por causa dos serões musicais em sua casa. Entre estes acontecimentos teria acontecido o entrevero entre o Sr. Eugênio e o compositor Alves Coelho Filho por conta da letra da música “Olhos Castanhos”¹. Ester de Abreu preferiu não gravar “Olhos Castanhos”, em respeito ao esposo ciumento, mas esta canção alcançou grande sucesso na voz de seu intérprete, o cantor português Francisco José, em Portugal e no Brasil nos Anos Dourados do Rádio. De fama internacional, colega da cantora, na Emissora

¹Este depoimento a respeito da canção “Olhos Castanhos”, com registro no programa “Agenda”, da Rede Minas de Televisão, em 23/02/2006, foi dado em entrevista, via telefone, pela filha única da cantora, Maria Manuela, à jornalista Elizabete Martins para a matéria com o título “Uma Cantora de Fados dos Anos 50”, pela passagem do 9º aniversário de falecimento da artista luso brasileira, Ester de Abreu, em 24 de fevereiro de 1997, RJ.

Nacional de Lisboa, nos anos 1940, ele viveu e atuou no país irmão, mais de duas décadas, onde conquistou uma legião de admiradores de seu repertório luso-brasileiro (A canção “Só nós dois”, do seu vasto repertório, fez parte do drama da novela brasileira “Antônio Maria”, exibida em 1967, pela TV Tupi [Canal 4, SP], a qual figurou por várias semanas nas paradas musicais em todo território nacional, na fase áurea de sua carreira.). Tempos depois de ter feito uma carreira vitoriosa no Brasil, Francisco José regressou à sua terra de origem, Portugal, onde terminou sua carreira de artista, cantando em bares, boates e casas de fados. Mais tarde veio a falecer. Eis aqui alguns versos de “Olhos Castanhos”, de Alves Coelho Filho. Canta Francisco José

Teus Olhos Castanhos
De encantos tamanho
São raios de luz
São estrelas pungentes
Brilhantes luzentes
Caídas dos céus

Teus olhos risonhos
São mundo, são sonhos
São a minha cruz
Teus olhos castanhos
De encanto tamanho
São pecados meus

Quando o casal de portugueses completou quatro anos de casamento, Ester atendeu a insistentes pedidos de seus colegas da

Rádio, e participou de um festival de beneficência, com a permissão do marido. Porém, ela nunca poderia imaginar que aquele festival lhe faria voltar para a “Rádio”, que aquela oportunidade de voltar a cantar daria novo rumo à sua vida! No dia seguinte ao festival, na porta de sua residência uma verdadeira multidão de pessoas exigiam que ela voltasse ao palco e microfone da Emissora Nacional de Lisboa. E foi assim que, em 1943, após quatro anos de casamento, Ester voltava a cantar na “Rádio”, como contratada, desta vez, sem a permissão do marido.

A segunda filha da varina Isabel saía às escondidas do marido, quando ia ensaiar e cantar na Rádio, levando consigo o seu rebento, Maria Manuela, para que o Sr. Eugênio não suspeitasse de seu segredo. Mas, mesmo assim, o ex-funcionário público do ministério português, que não tolerava a ideia de sua esposa voltar a ser artista de Rádio, já desconfiava do seu comportamento, quando esta, não lhe dava nenhuma explicação onde ia com a filha do casal, sem a sua permissão. Mesmo temendo que fosse descoberto o seu segredo pelo companheiro e pai de sua filha, Ester sonhava em participar do concurso da “Rádio”, para preenchimento de uma vaga no seu “cast” de artistas permanentes, a realizar-se dentro de três anos, isto é, em 1946. Sr. Eugênio, por vezes ouvia no Rádio uma voz a cantar, semelhante a de sua esposa, e ficava em dúvidas, quanto a origem daquela voz. Após descobrir o segredo da companheira, pensava que era só um capricho dela, de se tornar uma cantora profissional, contribuiu para o seu sucesso, contratando uma professora de canto.

Neste tempo, Julieta, a filha primogênita da varina Isabel seguia no encalço de se tornar uma grande atriz teatral no país irmão, precisamente, no Rio de Janeiro, onde fixou residência, quando

chegou ao Brasil, nos anos 1930. E de lá nas terras de Santa Cruz, chegou a notícia que Julieta deu a luz a mais um rebento. Desta vez, uma menina, que se chamou Gilda Maria, nascida em 17 de junho de 1942.

Em Portugal, Lisboa, a segunda filha do Sr. Abreu Pereira, seguia na permissão do marido para participar do referido concurso da “Rádio”, cantando em cinco idiomas. Nesta maneira, Ester se preparou para o famoso concurso de 1946, e concorreu a uma vaga no “Cast de artistas da “Casa”, que exigia de seus candidatos a interpretação de cinco canções de idiomas e países diferentes; França, Itália, Espanha, Portugal e Brasil. Na performance, a canção brasileira, “Maringá”, sua música preferida e seu “Porte-Bonheur”, aparece mais uma vez, e sua interpretação emociona a plateia presente que pede bis e a aplaude de pé, consagrando a carreira da artista Ester.

Competindo com dezenas de candidatas, e cantando em cinco idiomas, ela vence este concurso e assina um contrato vantajoso com a “Rádio”, passando a pertencer ao seu “Cast” de artistas permanentes, alcançando grande sucesso popular em sua terra natal e países vizinhos.

Clássico da MPB, a canção “Maringá”, de autoria do médico e grande compositor mineiro Joubert de Carvalho, foi composta em 1932 e tem uma história bastante interessante na trajetória da vida do autor. Nascido em Uberaba a 06 de março de 1900, Joubert de Carvalho compôs sua primeira valsa aos oito anos de idade. Filho de fazendeiro, era um dos treze filhos do casal Tobias de Carvalho e Francisca Gontijo de Carvalho. O pai gostava de música, tinha um piano em sua casa e chegou a compor algumas, mas sem maior expressão. Aos 12 anos a família de Joubert de Carvalho se muda para São Paulo:

uma boa educação para os treze filhos era a preocupação do sr. Tobias e foi o motivo da mudança.

Joubert e seus irmãos foram estudar no ginásio de São Bento para completar seus estudos. Mais tarde ele vai para o Rio de Janeiro onde, com a mesada do pai e as canções que compunha, consegue se manter no curso de medicina e frequentar a alta roda da Cidade Maravilhosa. Viveu como estudante rico só morando em hotéis com os 500 mil réis que o pai mandava, mais 600 mil réis que seu editor lhe pagava por mês. Formou-se para médico em 1925 e logo depois se casou com Elza Faria, em 1927. O primeiro filho desta união nasce e recebe o nome de Fernando Antônio Faria de Carvalho.

A canção “Maringá” foi feita sob encomenda para homenagear o então ministro da Aviação, José Américo, que era nordestino da cidade de Areia (PB). Rui Carneiro, natural da cidade de Pombal (PB) amigo do então ministro da Aviação, aconselhou o compositor a fazer uma canção falando da tristeza que há no nordeste, da falta d’água, da seca, “lá não chove”...

- Onde a seca é mais rigorosa?

- No município de Maria do Ingá.

Enquanto conversavam, Joubert ia fazendo a música, que ficou pronta ali mesmo e a enviou para o ministro José Américo em 1932. Ao mesmo tempo, Joubert de Carvalho pretendia um emprego de médico dos Marítimos: tinha se formado para médico em 1925 e almejava um trabalho público que lhe desse segurança na profissão para completar sua renda particular no consultório. Em 1933 foi nomeado médico do Instituto dos Marítimos, onde fez carreira: foi chefe de clínica médica, chefe dos ambulatórios, chefe de relações públicas, até chegar a diretor do hospital. Depois aposentou-se pelo

Instituto.

A primeira gravação de Maringá foi feita em 13 de junho de 1932, por Gastão Formenti, pela RCA Victor. Sete anos depois, em 29 de junho de 1939, também pela RCA Victor, Carlos Galhardo lança sua primeira versão para a canção, sendo a segunda gravada em 18 de dezembro de 1957, igualmente pela RCA Victor.

“Maringá” foi a canção que os críticos consideram a mais expressiva das criações de Joubert de Carvalho. Já mereceu inúmeras gravações em outros países e deu nome a uma das mais belas e prósperas cidades paranaenses: Maringá, porque os operários construtores da planejada cidade, muitos nordestinos, cantavam a canção constantemente. Outras canções de Joubert de Carvalho a se destacar, em ordem cronológica, são: “Pra você gostar de mim (Taí)”, lançada às vésperas do Carnaval de 1930 (por Carmen Miranda, 27 de janeiro de 1930, RCA-Victor); “De papo pro á” (em parceria com Olegário Mariano, por Gastão Formenti, 1931, RCA-Victor); “Zíngara” (também em parceria com Olegário Mariano, por Gastão Formenti, 1931, RCA-Victor); “Pierrô”, em parceria com Paschoal Carlos Magno, considerada a música de salão na época (por Jorge Fernandes, gravação original de outubro de 1931, pela Columbia) e “Minha casa” (por Sílvio Caldas, setembro de 1946, Continental). Eis aqui os versos iniciais da canção brasileira “Maringá”, de Joubert de Carvalho, cantada por Ester de Abreu:

Foi numa leva
Que a cabocla Maringá
Ficou sendo a retirante
Que mais dava o que falá

E junto dela
Veio alguém que suplicou
Pra que nunca se esquecesse
De um caboclo que ficou
Maringá, Maringá
Depois que tu partiste
Tudo aqui ficou tão triste
Que eu garrei a imaginá
Maringá, Maringá
Para haver felicidade
É preciso que a saudade
Vá bater noutro lugar

Capítulo 4
Parêntesis: Anos 1940 e 1950 e os
efeitos da Segunda Guerra



Enquanto a Indúcia modernizava sua Indústria Textil, investindo no prêt-à-porter nos anos 50, no Brasil a elite continuava a valorizar a alta-costura (moda), que sustentou financeiramente os primeiros estilistas brasileiros.

Foi necessário um investimento em marketing para mudar a opinião nacional e valorizar a Indústria Textil do Brasil, o algodão brasileiro, entre as classes mais altas.

A roupa sempre foi utilizada como instrumento social. “A moda é um reflexo móvel de como somos e dos tempos em que vivemos”. Estava difícil convencer os brasileiros de que os tecidos bons para a Europa não eram imediatamente bons para o Brasil. Enquanto a França modernizava sua indústria têxtil, investindo no prêt à porter (pronto para vestir) nos anos 1950, no Brasil a elite continuava a valorizar a alta moda, que sustentou financeiramente os primeiros costureiros brasileiros. Uma infinidade de revistas, algumas oficializadas no ramo, mas de custo bem elevado, como as francesas D’Officier; Paris Chic chegavam ao Brasil, porém tinha acesso reduzido para a classe média assalariada do país. A mesma consequência usufruir dos desenhos de moda, assinados pelos mestres da alta cultura, pelas revistas populares como O Cruzeiro; Manchete; A Cigarra; Fatos e Fotos... que traziam em suas páginas assuntos variados.

Os vestidos eram confeccionados com tecidos finos, como a organza, o organdi, a seda, a musseline, o tulle, o linho... eram o sonho de toda uma geração de brasileiros que desejavam estar em dia com a moda. Esta extravagância alimentava até mesmo as cidades do interior do país que copiavam os modelos dos vestidos vindos da Cidade Maravilhosa para a clientela das costureiras famosas em suas comunidades. Tudo o que tinha valor vinha de fora: a população brasileira se espelhava no figurino europeu, pois não tinha uma referência de moda nacional. Muitas vezes um tecido brasileiro era comprado na Argentina como se fosse um produto da Europa por pessoas que saíam do Brasil para fazer compras na terra de Gardel. Porém, quando regressavam ao país verde e amarelo ficavam surpresas ao constatar que tinham pago mais caro por um produto nacional como se fosse um tecido europeu.

Foi necessário um investimento em marketing para mudar a opinião nacional e valorizar a indústria têxtil brasileira (o algodão brasileiro) entre as classes mais altas. A Companhia Progresso Industrial do Brasil, mais conhecida como Bangu, foi uma das indústrias têxteis interessadas em movimentar a outra ponta da cadeia produtiva: começou a estimular eventos de moda para valorizar a criação de moda nacional.

Dona Candinha Silveira, esposa de um dos filhos do dono da Bangu, e Mary Angélica, modista uruguaia, uniram algumas estampas e mostraram como o algodão nacional podia ser empregado em modelos versáteis e elegantes. Em 1951 foi feito o primeiro desfile conhecido como Moda Algodão. Após o sucesso, o evento ganhou um calendário fixo e uma estrutura profissional. Inclusive o concurso para eleger a Rainha do Rádio com o desfile Bangu, desde o ano de 1952, tinha como objetivo principal arrecadar fundos para a Associação Brasileira de Rádio (ABR). Seu presidente nessa época era o radiologista Manuel Barcelos, da Rádio Nacional. Por essa época, o vestido saco, vestido solto sem cintura marcada, criado por Cristóbal Balenciaga, num contraponto à simetria do New Look de Christian Dior, foi muito copiado no Brasil pelos artistas, em especial, e tornou-se uma grande moda.

Assim, a moda após a “Segunda guerra mundial”, isto é, em meados dos anos 1940, apesar das condições duras para sobrevivência dos europeus, foi contemplada com um novo impulso, através do New Look de Christian Dior. Principalmente a moda que vestia os homens e mulheres no Brasil, vinha da França. Um país precursor desta arte no mundo inteiro, representado por seus grandes costureiros e estilistas, como Chanel, Dior, Balmain...

No Brasil, um dos reflexos dessa reviravolta foi a criação da primeira fábrica de tecidos finos nacional, fundada por Gabriela Pascolato, “A Santa Constância”, inspirada nos tecidos finos das coleções dos estilistas e costureiros franceses, que começava a ser comentado no país, por usar 40 metros de tecido para confeccionar um vestido.

Parecia ostentação, uma provocação dispendiosa, mas era o que as mulheres do mundo inteiro queriam e vestiriam muito em breve e durante toda a década seguinte. Estes artistas internacionais da moda faziam o sonho de consumo das senhoras e senhoritas brasileiras, através dos figurinos de moda vendidos em “bancas de revistas” Brasil afora.

No Brasil, nesse tempo, só havia tecidos de algodão, como os da “Fábrica Bangu”, referência nacional na época, pela qualidade de seus produtos e desfiles de moda, com artistas do Rádio, para eleição da “Rainha do Rádio” e dos bailes pré-carnavalescos.

Os mesmos tinham uma causa beneficente e um contexto social pois suas rendas eram revertidas para a ABR (Associação Brasileira de Rádio), da qual era presidente o radialista e apresentador da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, “Manuel Barcelos”, colega e amigo de Ester de Abreu.

Os desfiles de moda da alta sociedade do país eram o ponto alto da temporada, promovidos em geral pelas “primeiras damas do Brasil”, como a senhora Costa e Silva, Tereza Goulart... realizados em recintos fechados, para uma plateia selecionada, de no máximo 1000 convidados.

Os jurados que eram convidados para estes eventos na época, na maioria das vezes, não entendiam nada de moda, mas tinham o

estatuto na sociedade brasileira, como políticos, embaixadores... A moda é um reflexo móvel de como somos e dos tempos que vivemos.

O Rio de Janeiro nos Anos Dourados do Rádio, além de ser a “Capital da República”, era também a capital da elegância, que promovia à tarde e à noite os concorridos “Desfiles Bangu”, realizados nos clubes sofisticados cariocas. O Rio elegia também personalidades mais “bien habillées” do país, como Didu e Tereza Sousa Campos, o chamado “casal 20”, pois ambos frequentavam as listas dos 10 mais dos cronistas Ibrahim Sued e Jacinto de Thormes.

A noite os lugares mais grã-finos eram o “Golden Room do Copacabana Palace”, onde celebridades estrangeiras como Nat King Cole e a cantora existencialista Juliette Greco, além de Ester de Abreu, faziam shows. Também na boate do Hotel Vogue, que apresentava “o melhor jazz do Rio”. Lourdes Catão do Café-Society era uma das frequentadoras assíduas das noites cariocas nesta época. Neste tempo, os desfiles da moda vindos da França desfilavam suas coleções nas passarelas brasileiras, patrocinados pelas Primeiras Damas do País. A indústria têxtil do país, através dos “tecidos bangu”, uma marca popular de grande aceitação, fazia o seu desfile para a massa brasileira, nos bailes pré-carnavalescos dos anos 50.

Os irmãos “Guilherme da Silveira”, aproveitavam esta oportunidade para lançar sua coleção de tecidos vestindo os artistas do rádio e do teatro, para o seu desfile, cuja a renda elegendo a “Rainha do Rádio” era direcionada para o hospital do Radialista, em construção. A Rádio Nacional do Rio de Janeiro, com a grande audiência que mantinha no território brasileiro, promovia também para a massa brasileira frequentadora de seu auditório desde 1952, o seu desfile da “Fábrica Bangu”, que ficou famoso em todo Brasil.

Nos anos 1940 e 1950, os vestidos confeccionados com tecidos finos, como o organzá, o organdi, a seda, ou musseline, e tule... eram o sonho de toda uma geração que desejava estar em dia com a moda. Esta extravagância alimentava até mesmo as cidades do interior do país, que copiavam os modelos dos vestidos vindos da “Cidade Maravilhosa” para a clientela das costureiras famosas em suas comunidades. Muitas vezes, um tecido brasileiro era comprado na Argentina, como se fosse um produto da Europa, por turistas brasileiros, que viajavam para fazer compras na terra de Gardel. Quando regressavam ao Brasil, ficavam surpresos ao constatar que tinham pago mais caro por um produto nacional, como se fosse um tecido europeu.



Antônia e demais na Missa em homenagem a Ester



Antônia criança



Ester de Abreu na Rádio Nacional



Anúncio sonho nas Berengas



Multidão assiste Ester de Abreu em Uberlândia



Ester de Abreu nos anos 1990

Capítulo 5
A vinda de Ester de Abreu para o Brasil



P S T Q Q S S

A Vinda Para o Brasil!

Ne Ester de Azevedo, 1948, 1949

Após conquistar a vaga almejada no "cast" de artistas permanentes da Emissora Nacional de Lisboa, em 1946, Ester, passa a integrar a constelação de astros e estrelas da "Canta", assinando um vantajoso contrato de trabalho, e alcançando grande sucesso popular.

Sua vitória propiciou seu nome Portugal afora e países vizinhos; os contratos de trabalho para apresentações em clubes, boîtes e "Casas de Shows", caregam de todos os lados.

Em 1947, revistas e jornais portugueses se traziam estampados em suas páginas, notas e manchetes a seu respeito, como sendo uma cantora revelação da nova geração de artistas da terra, e anunciavam para breve a sua próxima viagem ao Brasil.

Porém, o contrato firmado pela artista com a Rádio de Lisboa, impediram naquele ano a sua vinda ao país irmão.

Novas e tentadoras propostas de trabalho para viajar e atuar em outros países, foram oferecidas a estrela portuguesa; na França; Espanha; e até mesmo chance de um contrato dos Estados Unidos. Ester, pensou em aceitar, pois não queria se afastar da pequena, Maria, Mamela.

Após conquistar a vaga almejada no cast de artistas permanentes da Emissora Nacional de Lisboa, em 1946, Ester passa a integrar a constelação de astros e estrelas da casa, assinando um vantajoso contrato de trabalho e alcançando grande sucesso popular. Sua vitória projetou seu nome Portugal afora e países vizinhos; os contratos para apresentações em clubes, boites, casas de shows, surgiam de todos os lados.

Em 1947, revistas e jornais portugueses já traziam estampados em suas páginas, notas e manchetes a seu respeito, como sendo uma cantora revelação da nova geração de artistas da Terra, e anunciavam para breve a sua próxima viagem ao Brasil. Porém, o contrato firmado pela artista com a Rádio de Lisboa impediu naquele ano a sua vinda ao país irmão. Novas e tentadoras propostas para viajar e atuar em outros países foram oferecidas à estrela portuguesa: para França, Espanha e até mesmo quando veio um convite dos Estados Unidos, Ester apenas pensou em aceitar, pois não queria se afastar da pequena Maria Manuela.

Apenas um país a atraía de maneira particular.

Era o Brasil, onde já contava com o apoio e ajuda de sua primeira irmã, Julieta, que foi visitá-la em Portugal e, conhecendo a popularidade de Ester, compreendeu que era oportuno trazê-la ao país verde e amarelo. Naquela ocasião, a filha primogênita do casal de portugueses Manuel e Isabel tomou consciência do talento de sua segunda irmã, artista por vocação, e previu para uma carreira gloriosa em terras brasileiras.

Nas cartas que enviava do Brasil para Lisboa, Julieta contava e descrevia para Ester todas as belezas e maravilhas do país tropical, fazendo-a sonhar, também, com a possibilidade de, um dia, vir a

conhecer e atuar no Brasil. Desta forma, com a experiência e conhecimento que tinha com pessoas ligadas ao meio de comunicação do país, na época, anos 1930 e 1940, a então imigrante portuguesa impulsionou a vinda de Ester de Abreu ao Brasil, dando o primeiro passo para ajudá-la a concretizar o seu antigo sonho.

Fotos e discos, artigos de revistas e jornais foram enviados de Lisboa para a Cidade Maravilhosa, no sentido de despertar interesse dos investidores e patrocinadores das empresas brasileiras e países vizinhos; para shows e apresentações em clubes, rádios e boates, da estrela alfacinha. Em maio de 1948, dois anos após pertencer ao cast de artistas permanentes da Emissora Nacional de Lisboa, Ester participou com sucesso da festa realizada no Coliseu, com a caravana do elenco de astros e estrelas da casa: Francisco José, Luís Escobar, Maria Sidônio, entre outros que abrilhantaram, também com suas vozes, este evento, famoso em todo Portugal.

Logo em seguida a este evento, no dia 21 de junho de 1948, Ester é contemplada com o “Disco de Ouro” e um troféu pela gravação e sucessos na interpretação de dois fados, a saber: “És tudo para mim”, do compositor Raul Matos e “Fado de cada um”, de autoria de Pontes Moreira. (discos 78 RPM, produzidos na Emissora Nacional de Lisboa). Ainda neste ano, em 29 de junho de 1948, Ester tira licença para o exercício da profissão de “Artista de variedades”, quando faz uma digressão pelos territórios portugueses, colônias e alguns países vizinhos da Europa.

Neste tempo, a artista alfacinha estava sempre acompanhada pelo marido, o sr. Eugênio, e da filha, Maria Manuela, já com 9 anos de idade. Quase três meses depois de sua primeira turnê, em 18 de outubro de 1948, Ester recebe a sua carteira profissional n. 802 de

“Artistas Teatrais”, nome artístico: “Ester de Abreu”; categoria profissional: “Artista de variedades”; contribuinte n. 567.

Mas a grande surpresa e alegria na carreira da artista alfacinha ainda estava para acontecer nas terras d'além mar!

No final deste mesmo ano de 1948, face ao grande êxito, com elogios da crítica especializada, Ester de Abreu é convidada pelo então diretor artístico do Copacabana Palace do Rio de Janeiro, Caribé da Rocha, que se encontrava em Portugal, para estrelar no Brasil no show português *Sonho nas Berlengas* em um quadro somente seu, numa única temporada de um mês no seguinte, 1949.

Esta seria a sua primeira viagem ao Brasil, um sonho acalentado por muito tempo, visto que o Copacabana Palace, neste tempo, era a maior e mais elegante casa de shows noturna do Rio de Janeiro, disputada somente por grandes cartazes internacionais, que eram contratados para a selecionada plateia da alta sociedade do Rio e São Paulo.

Quando este empresário carioca, Caribé da Rocha, foi a Portugal, já levava o nome de Ester de Abreu como provável cartaz a ser trazido ao Brasil. O que com efeito aconteceu! A Rádio Nacional do Rio de Janeiro, nesta ocasião, procurava nas terras d'além mar um artista lusitano com sentimentos pátrios para representar a música e a cultura de Portugal no Brasil, e tinha enviado também o seu representante a Lisboa para possível contratação.

Um fato interessante concorreu para a vinda de Ester de Abreu ao país irmão para sua atuação na rádio nacional e de sua estreia no espetáculo *Sonho das Berlengas*, em 29 de abril de 1949, uma sexta-feira. O acontecimento foi registrado pela crônica do jornalista Fernando Lobo do jornal *A Noite*, um dos maiores vesper-

tinios do país, incorporado ao patrimônio do governo federal junto com a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, em 08 de março de 1940, decreto-lei n. 2073.

Fernando Lobo inicia o texto dizendo já ter se acostumado aos retoques de fotos de artistas e ter a beleza decepcionada quando diante da figura do corpo presente. E, por isso, não teria se emocionado com a beleza de uma foto de Ester de Abreu. E Caribé da Rocha, na véspera de sua viagem a Paris, em meio aos preparativos formais, imposto de renda e, claro, variadas fotografias de artistas, finalmente se rendeu aos insistentes pedidos, pegou o retrato da artista, além de ouvir um trecho do disco retirado da pasta amassada do proponente. Em seguida, teria comentado que “se esta mulher é realmente bonita, cantando como canta, será um sucesso”, viajando em seguida. E eis que depois, passando por Lisboa, “deu vistas a uma moça extremamente bela a um canto sentada. Pareceu a fotografia!”. Ao se dirigir para a moça, perguntou se era realmente a artista, ao que foi respondido: “pois, pois!” E naquele instante assinava contrato com o Copacabana.

O aeroporto do Galeão do Rio de Janeiro naquela tarde de terça-feira ensolarada da segunda quinzena do mês de abril de 1949 estava em festa. Um público considerável de portugueses e brasileiros, ouvintes do rádio, em especial, figuras representativas do meio político, social e cultural do país verde e amarelo, aguardavam com ansiedade e expectativa a chegada do avião Bandeirante da Panair do Brasil pousar em solo trazendo a estrela lusitana Ester de Abreu e sua filha. Ester já havia pisado em solo nacional anteriormente, no final de 1948, precisamente para os ensaios de *Sonho das Berlingas* – mas naquela ocasião não chegou a ter contato com o público brasileiro.

Naquele espaço público da década de 1940, representantes da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, da empresa paranaense Antisardina, patrocinadora da temporada no Brasil da cantora de Portugal, além de investidores de sua carreira artística, eram presenças marcantes nesse acontecimento artístico. Também lá estavam a primeira irmã da estrela, Julieta Valença, que vivia no Brasil desde 1932, e sua filha Maria Gilda Olga Ferreira, uma garota de sete anos, nascida em 17 de junho de 1942.

No saguão do aeroporto, dezenas de jornalistas, repórteres, fotógrafos, microfones e câmeras fotográficas disputavam espaço em meio ao público presente para registrar e retratar o acontecimento artístico dos dois países irmãos Portugal e Brasil. Homens e mulheres, com seus trajes e figurinos da época, desfilavam suas preciosidades pelo saguão do aeroporto do Galeão: o tecido de seda, o algodão brasileiro e o linho de boa qualidade que vestia a população ali fazia o charme e elegância das senhoras e senhoritas que exalavam perfumes franceses e davam um ar festivo e romântico naquele espaço público nos anos 1940.

Ester de Abreu visitava o Brasil pela primeira vez para estrelar no show português *Sonho das Berlingas*, no Cassino do Copacabana Palace da Cidade Maravilhosa. Sua estreia no grandioso espetáculo de cores e fantasias na casa de show noturno mais elegante da Capital Federal estava marcada para a última semana do mês de abril de 1949, uma sexta-feira. A propaganda que antecedeu a vinda e chegada da estrela portuguesa nas terras de Vera Cruz foi espetacular.

Os meios de comunicação da época, rádios e jornais - em especial *A Noite* e *A Manhã* - as revistas *Carioca*; *Revista da Rádio Nacional*, todos pertencentes às Empresas Incorporadas do Patrimô-

nio Federal, além de investidores e patrocinadores da artista não mediram esforços para valorizar sua beleza física e fotográfica, aliadas à voz dolente do fado.

A rádio da praça Mauá, onde a fadista lusitana fazia uma série de apresentações, bem como as demais empresas vinculadas ao governo federal, anunciavam e promoveram, com exclusividade, notas e crônicas a respeito da artista. Sua brilhante atuação ao microfone da Emissora Nacional de Lisboa em todo território português, colônias e países da Europa contribuiu para sua vinda ao Brasil. Na antevéspera de viajar para o país irmão, a cantora e atriz lusitana foi homenageada com um banquete pelo embaixador do Brasil em Portugal, onde compareceu a tradicional sociedade portuguesa, apoiando o evento de grande repercussão nos meios sociais, artísticos e culturais do país.

Durante a festa na terra de Camões foi vendido em leilão um retrato da homenageada no valor de 1800 escudos para ajudar na campanha dos mais humildes do governo português, demonstrando assim a generosidade daquela que seria em breve uma das mais promissoras artistas de Portugal no Brasil. Este fato promoveu um intercâmbio com Portugal, desejo do ex-presidente Getúlio Vargas, empenhado em fortalecer os laços de amizade e respeito entre os dois países irmãos.

Foi assim então que a elegante fadista Ester de Abreu desembarcou no Rio de Janeiro com sua filha Maria Manuela, uma garota de 9 anos e onze meses, no dia 19 de abril de 1949. Na bagagem lusitana, muitos fados do clássico popular natal e canções variadas do folclore português cantadas em versos pela sensibilidade da alma portuguesa de seus filhos, poetas compositores como Alves Coelho Filho, Raul Ferrão, José Galhardo e Frederico de Brito.

No momento de seu desembarque, a figura esbelta de Ester de Abreu, morena de cabelos negros soltos ao ombro, olhos castanhos, vivos e sonhadores, fonte de inspiração para seus patrícios poetas compositores, era realçada pelo desenho perfeito do traje que usava. Na ocasião, a estrela alfacinha vestia um clássico tailleur de tecido nobre, cor cinza petróleo, de corte alfaiate, impecável em seu caimento. O destaque da veste feminina dos anos dourados do rádio era uma orquídea lilás, presa na lapela da gola do blazer do conjunto que tinha como complemento uma blusa de cambraia de linho branca. Nos pés, a estrela lusitana calçava um lindo sapato de salto alto, modelo parceirinha de cor preta, fazendo jogo com uma bolsa tipo envelope – como era moda na época. Meias finas da cor da pele finalizavam aquela produção dos anos 1940, pós-guerra. Ao ser entrevistada pelo repórter Martins da Fonseca, da revista Carioca e Rádio Nacional, a fadista da terra de Júlio Dantas fez uma declaração emocionada para os que ali aguardavam a sua chegada ao Brasil.

- Meus amigos, sinto-me à vontade, como se estivesse em minha própria casa, sinto-me entre irmãos, por isso dentro de mim não há barreiras para conter este entusiasmo que me domina. Quando vi o Cristo Redentor, meus olhos umedeceram de emoção, de respeito e agradecimento pela maravilhosa travessia aérea. Irei atuar no Golden Room do Copacabana Palace, no espetáculo intitulado Sonho nas Berlengas e na Rádio Nacional, estação que ouço diariamente em Lisboa.

- Vir ao Brasil confesso que era o meu maior sonho, sonho acalentado diariamente, sonho que me atormentava a vida e, posso dizer que se me fosse desse mundo sem vir aqui, não desejava entrar no céu – se é que certas pessoas vão para lá. Desejava conhecer o Brasil

ou o Rio, fosse de que maneira fosse, porém tinha de conhecer. Estava disposta a cancelar o contrato com a Emissora Nacional por alguns meses, só para vir até vocês... que tal esta violência?

Sobre a ocasião disse, anos depois, em maio de 1956, ao Correio da Manhã:

- Fui convidada para fazer uma temporada como atração no Copacabana Palace e cantar também numa rádio brasileira. Essa emissora da qual não deveria mais sair foi a Rádio Nacional, a nossa grande, imensa e querida rádio Nacional. Vim para passar um mês. Os brasileiros me conquistaram. E aqui estou eu profundamente grata a este país e a este povo que tem sido tão bom e tão generoso comigo. Aqui alcancei os maiores sucessos da minha carreira.

Capítulo 6
A estreia no Brasil



Nome de Mary Angelica.

A artista de teatro, casou-se com o escultor Mathem Fernandes, em 1929, com quem teve 6 filhos.

A partir desta data, 1929, morou e trabalhou numa grande casa instalada na Rua do Catete, Rio de Janeiro.

Esta residência foi comprada da antiga sociedade francesa, a qual Mary Angelica tinha trabalhado quando chegou ao Brasil.

O escultor Mathem Fernandes, seu esposo, possuía uma fábrica de manequins de gesso e atelié nos fundos da residência, onde criou a famosa estátua do jogador Bellini, exposta em frente ao Maracanã e onde recebeu atreus como a italiana Cláudia Archimede, que posou para o T & A na década de 1950.

O show português *Sonho nas Berlengas* foi um grandioso espetáculo de cores e fantasias – o primeiro da temporada 1949 do Copacabana Palace. O show português do Copacabana Palace tinha no seu elenco de artistas famosos: além da cantora, a bailarina Leda Yuki; o encenador Arthur Ferreira; Tatiana Leskova; Virgínia Noronha, o conjunto Quatro Ases e um Coringa; as cantoras Carmélia Alves, Helena de Luma, Marlene e as Copacabana Girls.

A famosa modista carioca Mary Angélica, uruguaia de nascimento, nascida em Montevideú, em 1900, foi a responsável pelo figurino e confecção do show português, assim como todos os espetáculos realizados no Copacabana Palace nesta época. Mary Angelica ou Maria Angélica Banchemo Fernandes Nazareth chegou ao Brasil com 17 anos nos anos 1920, tendo trabalhado com a famosa modista francesa Simone Bailey no Rio de Janeiro, de quem, a partir de 1929, comprou o atelier, morando e trabalhando neste grande casa, instalada na rua do Catete. Assim, essa artista da tesoura, na Cidade Maravilhosa, exerceu esta profissão dos anos 1920 a 1970. Casou-se com o escultor Matheus Fernandes, com quem teve seis filhos, passando a adotar o nome Maria Angélica Boschemo Fernandes Nazareth Fernandes. Ele possuía uma fábrica de manequins de gesso e atelier nos fundos da residência, onde criou a famosa estátua do jogador Bellini, exposta em frente ao estádio do Maracanã e onde recebeu atrizes como a italiana Claudia Cardinale, que posou para o artista na década de 1950. Mary Angelica criava roupas de alta costura e vestidos de noiva, tendo como clientes inúmeros nomes da sociedade carioca e artistas do rádio - em especial Ester de Abreu que demonstrava para o seu público todo o visual com modelos e estilistas franceses – Chanel; Dior; Balmain – no corte perfeito da modista uruguaia. Um investimento para seu

público, pois a artista acreditava que metade de seu sucesso tinha como cúmplice o seu figurino francês. Mary Angelica vestiu ainda várias primeiras damas do país e ficou conhecida pelo rigor de seu corte e pela perfeição de seu acabamento. Seu último trabalho como modista foi em 1974 para a socialite Tereza Souza Campos. Mary Angélica faleceu em 1982 no Rio de Janeiro, onde viveu e atuou com grande sucesso nesta profissão de modista da alta sociedade do Rio de Janeiro.

Na ocasião da estreia em *Sonho nas Berlengas*, Ester de Abreu vestia uma fantasia portuguesa do folclore lusitano confeccionada em tecido de veludo azul marinho, bordada com fios de ouro comercializados na França – referência mundial na moda. Anos mais tarde, em 16 de abril de 1966, comentou sobre a estreia a Frances Vasconcelos da revista *Cruzeiro*:

- Foi a noite mais emocionante da minha vida. Fiquei mais de uma hora no palco a atender os pedidos de bis. Cantei mais de vinte números.

Após o sucesso da temporada de um mês de espetáculo no Copacabana Palace, conseguiu um contrato de mais dois meses nesta casa famosa – e inclusive conseguiu uma hospedagem, esposo e filha inclusos, em um hotel na cidade.

O nome de Ester de Abreu estava repercutindo positivamente no Rio de Janeiro e assim "*Sonho nas Berlengas*" durou três meses em cartaz – de 29 de abril a 4 de julho - batendo recorde de permanência na casa mais badalada da capital da República. Ester de Abreu cantou em vários idiomas, particularmente encantando o público brasileiro presente com soberbas interpretações dos fados de sua terra natal. Simultaneamente, em 5 de maio, começou a fazer uma série de

13 apresentações pela rádio Nacional, recebendo cartas do Brasil inteiro – 1313! - e ainda dizem que 13 não é número da sorte... em 30 de agosto, começou uma estadia de um mês em São Paulo, na boite do Hotel Excelsior. Após este período, estava liberada para prosseguir a sua trajetória artística como bem lhe conviesse... É necessário dizer que as empresas de Octávio Guinle formavam uma rede Rio-SP ou Copacabana Palace-Hotel Excelsior para os quais a artista portuguesa tinha sido contratada.

Assim, ela também faz temporadas vitoriosas de show da boite do Hotel Quitandinha, no Rio de Janeiro, além de tournées Brasil afora: São Paulo (rádios Excelsior e Cultura); Pernambuco (rádio clube de Olinda e rádio clube de Pernambuco); Maranhão (Rádio Timbira, de São Luís); Bahia (rádio Cultura da Bahia); Amazonas (rádio Baré, de Manaus) e Pará (rádio clube do Pará, em Belém). No exterior, se apresentou no Uruguai (rádio Cave) e em clubes noturnos da Argentina e Chile. Em Minas Gerais, atuou na rádio Guarani, em Belo Horizonte, marcando o início de uma presença que se tornaria mais constante logo adiante, nas décadas de 1950 e 1960, com uma sucessão de triunfos incontestáveis, classe, elegância, educação, carisma, atuando com sucesso também no microfone da rádio Inconfidência e, a partir de 1955, da TV Itacolomi. Também em noites de gala, convidada para abrilhantar com sua voz e seu charme atividades de grande porte da sociedade belo-horizontina nos salões nobres do Automóvel Clube de Minas Gerais; no Minas Tênis Clube; Clube Belo Horizonte; Colônia Portuguesa e eventos do Banco da Lavoura. A cantora e atriz luso-brasileira também apoiou projetos sociais em Belo Horizonte por meio de suas apresentações, nas quais a renda total dos eventos era revertida para obras sociais da

benemérita entidade dirigida pela sua fundadora, Exma. Sra. Sara Lemos Kubitschek, Primeira Dama do Brasil no governo JK.

Na semana do feriado da Independência, em 1956, porém, um susto: Ester de Abreu escapou de um acidente aéreo em Belo Horizonte, em 7 de setembro de 1956. O avião que a artista viajava se incendiou destruindo-lhe centenas de milhares de cruzeiros em roupas e ela viajava apenas para uma breve temporada em Uberaba, Minas Gerais. Nesta ocasião, a artista luso-brasileira conseguiu salvar duas crianças que viajavam com a avó, saltando da janela da aeronave com os pequenos antes que o avião pegasse fogo nos 10 minutos restantes. Felizmente, nada aconteceu com a estrela luso-brasileira, que preferiu retornar ao Rio de Janeiro depois do susto que passou em Belo Horizonte, cancelando o show no interior mineiro. (Vários jornais e revistas noticiaram o fato, como Radiolândia, 142; o jornal Estado de Minas em 22/12/1956, além de depoimento de Maria Manuela em março de 2007).

Mas, voltando àquele início da carreira artística de Ester de Abreu no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, capital federal, o cenário ainda era de muita luta e persistência para conseguir sobreviver com o seu talento. A princípio, quando a fadista portuguesa veio ao país irmão atuar no Copacabana Palace numa única temporada de um mês, este hotel famoso em todo Brasil não custeava a moradia nem alimentação dos artistas contratados.

Os recém-chegados ao país verde e amarelo, antes de serem enviados para um hotel pela casa de show noturno mais elegante da Cidade Maravilhosa, tinham que dar provas de seu talento e de sua eficácia para os investidores e patrocinadores – um retorno artístico e comercial! Só assim tinham direito a estas regalias!

Uma das cláusulas do contrato assinado pela artista Ester de Abreu ainda em Portugal era que estes benefícios só viriam após a comprovação de sua arte no palco do espetáculo para o qual estava sendo contratada.

Isto se deu porque durante a guerra, as comunicações com a Europa, um dos berços da cultura brasileira, estavam cortadas, causando uma sensação de vazio cultural e provincianismos. No pós-guerra, no entanto, a efervescência da produção intelectual dos países europeus fez desaguar no Brasil uma série de conceitos como o neorrealismo, abstracionismo e existencialismo. Se em São Paulo foram fundados o Museu de Arte Moderna, o Museu de Arte de São Paulo e a Companhia Cinematográfica Vera Cruz - respectivamente pelos mecenas Francisco Matarazzo Sobrinho, Assis Chateaubriand e Franco Zampari, no Rio de Janeiro, infelizmente, não houve um mecenato com tanto empenho e garra. Os Guinles, os Rocha Miranda e o Barão de Saavedra pararam de investir em arte quando se deram conta do déficit permanente.

Desta forma, as primeiras semanas de Ester de Abreu e da filha Maria Manuela foram em casa da irmã Julieta que já residia no Rio de Janeiro desde a primeira metade dos anos 1930, quando veio para o país irmão com a grande Companhia de teatro de revista portuguesa Estevão Amarante e sonhava ser uma famosa atriz no Brasil.

Na Cidade Maravilhosa, apesar da vocação para as artes, herdadas do pai – Julieta chegou a trabalhar como atriz e vedete de teatro de revista – teve de enfrentar os desafios e problemas que a vida e o destino lhe trouxeram. A primeira irmã de Ester de Abreu teve que buscar novas alternativas de trabalho, anulando o seu grande projeto de vida, de se tornar uma famosa atriz nas terras de Vicente Celestino,

Joubert de Carvalho, Luiz Gonzaga e Dorival Caymmi.

A filha primogênita abraçou a oportunidade que surgia naquele momento de sua vida no mundo empresarial dando o primeiro passo para ajudar a carreira artística de sua segunda irmã, Ester. Neste início de carreira no Brasil, a fadista lusitana tinha como seu representante legal para contratos de trabalho e apresentações em rádios, clubes, boates, a sua primeira irmã, Julieta Valença.

Algumas semanas após a chegada de sua segunda irmã e de sua sobrinha, Julieta Valença recebe em sua casa um terceiro hóspede, o esposo da artista alfacinha: o sr. Eugênio, que tinha vindo em viagem marítima para assistir a sua estreia no Brasil e levar a filha de volta para Portugal, onde estudava. O pai de Maria Manuela, desempregado nas terras d'além mar, sem direito a mais uma passagem aérea para viajar junto a esposa e à filha, fornecida pelos investidores e patrocinadores da carreira artística da cantora lusitana, resolve, então, vender alguns pertences do casal para custear a vinda ao Brasil. Estes pertences eram baixelas de prata, de alto valor comercial, presente de casamento ao casal dado por representantes do governo português de Salazar, quando da cerimônia civil do ex-funcionário público Eugênio Pereira Rodrigues Júnior e sua esposa, Ester de Abreu Pereira Rodrigues.

Porém, Julieta já tinha o seu segundo rebento – a menina Maria Gilda Olga Ferreira – que veio ao mundo no Brasil em 17 de junho de 1942, fruto de seu relacionamento com jovem empresário e diretor do teatro português, José Ferreira Filho. Ela já havia passado por momentos de crise no país verde e amarelo e, naquela época, novamente, passava por momentos difíceis naquele pós-guerra mundial. As décadas de 1930 e 1940 no Brasil foram tempo de muita cares-

tia no país, quando tudo era dispendioso, difícil para sobreviver.... encontrar os produtos básicos de alimentação, em especial no Rio de Janeiro, capital federal à época.

Desta maneira, a imigrante alfacinha no país irmão vivia o desafio do aumento das despesas de alimentação em sua residência, além da perda de sua privacidade e da filha. Tudo era caro e racionado – o consumo de açúcar e café, principalmente – e na residência havia atritos constantes entre Julieta e o senhor Eugênio. Em função destes desentendimentos, deixaram esta hospedagem e alugaram um pequeno quarto na capital da República. Este aposento era abaixo do nível da rua, com janelas pequenas e estreitas, podendo avistar apenas a metade das pessoas que circulavam na calçada em frente a esta residência.

Apesar da situação constrangedora criada por seu marido em casa de sua primeira irmã, Ester estava focada em sua carreira artística e na apresentação no espetáculo do Copacabana Palace: um momento especial em sua vida no país irmão. A cantora lusitana sabia da responsabilidade e do compromisso assumido com os responsáveis pelo show, pois já tinha vindo ao Brasil no final de 1948 para o ensaio. Mas em que pese a quantidade de contratos para os quais se desdobrava a cantora nos clubes, boates, rádios dentro e fora do Brasil, foram tempos difíceis: o que ganhou financeiramente era gasto com a família, já de volta a Portugal: a mãe, Dona Isabel; a filha, Maria Manuela e o marido desempregado. Ester chegou a regressar para Lisboa no final de 1949 – porém, antes de retornar para Portugal, a artista da terra de Camões ainda marcou a sua presença na cidade de Presidente Prudente (SP) no espetáculo do teatro Fênix em prol da Casa da Criança, organizado pela Primeira Dama, sra. Zoraide de Moraes

sonhou um dia, mas não era feliz - como se a mãe Ester fosse culpada de sua personalidade contraditória. A filha frequentava altas rodas no Rio de Janeiro, vários namorados milionários, mas se sentia incompleta. Maria Manuela teve uma vida de princesa com a mãe Ester, que se preocupava em deixar a filha em boa situação e independente como mulher.

Como dissemos, Ester de Abreu, quando chegou ao Brasil em 1949, era casada com o sr. Eugênio Pereira Rodrigues Júnior, alto funcionário público do governo português de Salazar, de quem teve uma filha, Maria Manuela Pereira Rodrigues, nascida em 03 de maio de 1939. Na época de seu enlace matrimonial, a estrela lusitana contava com apenas 15 anos, quando ficou grávida deste senhor, bem mais velho que a segunda filha do Sr. Abreu Pereira. Por esta razão, o casamento em Portugal foi realizado apenas no civil, de acordo com a sociedade da época, que discriminava as moças que tinham perdido a virgindade e não podiam se casar na igreja.

O divórcio em Portugal, Lisboa, na primeira metade da década de 1950, era remédio legal apenas admitido para os que fossem casados somente no civil. Em 1954, porém, para prevalecerem no Brasil as sentenças estrangeiras do divórcio, tinham que ser homologadas pelo Supremo Tribunal Federal e era só isso que o casal Dulcídio e Ester aguardavam para realização do ato matrimonial adiado várias vezes até a ruptura definitiva de ambos em meados de 1956. O coronel Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, eleito em 1952 para prefeito do Distrito Federal na época, no Rio de Janeiro, ex-noivo de Ester de Abreu, era professor de História do Brasil no Colégio Militar da Cidade Maravilhosa, onde foi aluno. Esta função ele voltou a exercer quando saiu do governo em função da morte do ex-presidente

do Brasil, Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954. Encantado com a cantora luso-brasileira Ester de Abreu desde a primeira vez que a viu, esperava uma oportunidade para ser apresentado a ela.

Coronel da cavalaria, militar, político Dulcídio do Espírito Santo Cardoso tinha como amigo pessoal o então Presidente Getúlio Vargas. Era viúvo e pretendia contrair núpcias de novo. Como todo político que se preza, procurava uma “Primeira Dama” para compartilhar com ela os deveres sociais de seu governo e representar o seu papel na sociedade com classe e distinção. Vaidoso, de uma juventude teimosa, pois já passava dos 60 anos, gostava de estar sempre bem vestido, com um terno branco de linho Braspérola, seu traje predileto – como dizia Maria Manuela, filha de Ester, de quem recebia “boas mesadas” toda semana.

Foi na passagem do ano de 1951 para 1952, no Palácio Guanabara, sede do governo federal, quando o Presidente Getúlio Vargas promoveu um encontro mais ou menos íntimo com alguns artistas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, onde a cantora Ester de Abreu era artista exclusiva, que o encontro se deu. Deixemos que ela relate os fatos como fez para a revista Radiolândia (n.79, 08.10.1955):

Estava eu à mesa com os colegas quando o presidente me chamou. Atendi e, fazendo-me sentar ao seu lado, fez-me algumas perguntas sobre Portugal que respondi um tanto timidamente. Em dado momento, ele falou:

- Você é solteira ou casada?

Sorri embaraçada e nada respondi, no que ele acrescentou:

- Esse cavalheiro aqui, o prefeito Dulcídio é viúvo e está resolvido a casar outra vez. Acontece que ele gosta muito de você.

Sorri novamente e nada respondi, voltando à mesa do

colegas depois de murmurar um “com licença”.

- Confesso que esqueci o incidente até que Silvino Neto me falou da família Malvino Reis, que me desejava conhecer, que gostava da minha forma de cantar. Depois de vários recados, acabei encontrando uma oportunidade de me apresentar aquele senhor que, por sua vez, me colocou em presença do coronel Dulcídio com quem tive a oportunidade de conversar mais calmamente.

- Fizemos uma boa camaradagem. Encontrei nele um eco da minha própria alma. Seu coração generoso, sempre disposto a ajudar os que o procuram com um problema, seu carinho respeitoso, seus pensamentos puros em relação a mim, tudo me fazia pensar nele com ternura. Quando ouvi seu pedido de casamento, fiquei emocionada.

- É verdade que já não sou uma adolescente e as ilusões da mocidade já não inundam o espírito como antigamente, mas esse amor generoso, essa adoração protetora que o coronel me oferecia eram coisas preciosas que meu coração recebeu com agradecimento.

Agora estamos noivos. Só o destino saberá de nosso futuro. De qualquer modo, reconheço toda nobreza dos sentimentos desse homem que me escolheu e por quem nutro o mais profundo sentimento de ternura. Devo dizer que nosso noivado é cercado de respeito e que nada há de que nós possamos nos envergonhar.

Mas o coronel fazia segredo de um outro relacionamento amoroso seu, com uma moça de 25 anos, funcionária do comércio, vendeuse de meias, que se chamava Maria Beatriz Chalomon, moradora do bairro da Penha, nascida em 1932. Como relata O Cruzeiro (08.12.1956), o então prefeito apareceu por lá para fazer compras.

Um olhou para o outro, gostaram-se e guardaram segredo. Algum tempo depois o Coronel providenciou um telefone para Maria Beatriz. E fez a primeira ligação. Com o tempo, almoçaram e jantaram juntos, muitas vezes. O coronel passou a viajar, todos os dias, 15 quilômetros que é a distância de seu apartamento, no Leme, até a casinha modesta dos pais de Maria Beatriz, na Penha. Noivaram em setembro deste ano [1956], dia 25, mas desde julho haviam verbalmente concordado que um nascera para o outro. Por que o Coronel amou a comerciária? Qual o motivo emocional?

- Os bons fados elegeram-na como uma moça de ótimos princípios, morais e religiosos. E acrescentou.

- Fui seduzido pela beleza moral de Beatriz, mais que por sua juventude encantadora.

O estado civil do coronel Dulcídio era viúvo, pai de Duljaci e Ivan, que já lhe deram netos. Os pais da noiva, senhor Zoltan e Elizabeth Shalomon vieram há 30 anos com a família para o Brasil. Aqui nasceram os cinco filhos. Aqui vive sua mãe, Dona Maria Hamas, de 80 anos de idade.

- Os pais da noiva são sírios-libaneses?

- Não, são húngaros. Daquela fibra que luta contra o povo soviético.

Capítulo 7
A carreira no Brasil



1 Lançamentos de Nisee no Brasil

- 1^o gravadora Continental - De 1950 a 1951
- 2^o " " - Sinter 1952, 1953, 1954
- 3^o " " - RPA Victor 1954-1955, 1956, 1957, 1958, 1959
- 4^o " " Continental 1960

Obs; Nisee Orquestra Moura, jornal O Noite Nova, também a Lisa, Ester de Oliveira, assinou com a Continental e confirmou para estreia, marcada para breve.

5^o gravadora Philips 1964-1965

6^o gravadora Copacabana 1972

Obs; Retornou ao disco em 1975, com o LP intitulado "Amar, amar, Ester de Oliveira?", pela gravadora Tapscar.

Obs; quando teve ajuda e solidariedade de amigos e empresários, dono da Revista Manchete, Adolfo Bloch, para lançar o seu último LP de sua carreira no Brasil.

Assim, no início de sua carreira, em Portugal, Ester de Abreu ficou pouco tempo, visto que sua primeira irmã, Julieta, empenhada em trazê-la de volta ao Brasil, conseguiu para ela, em 1950, novos e vantajosos contratos de trabalhos em clubes, boates e na Rádio Nacional carioca.

Ester de Abreu tomou posse de seu primeiro contrato na Rádio Nacional do Rio de Janeiro anos mais tarde, em 17 de outubro de 1950, como auxiliar de 1ª. Este contrato foi de três meses, sendo renovado em 25 de janeiro de 1951 até 24 de janeiro de 1952 como cantora exclusiva da casa. Ester figurou aí nos 27 anos seguintes como uma das grandes atrações daquele elenco de astros e estrelas de todo o Brasil: Dalva de Oliveira, Ângela Maria, Emilinha Borba, Nelson Gonçalves, Francisco Alves, Cauby Peixoto, Carlos Galhardo, Sílvio Caldas, Roberto Paiva, Robertinho Fortuna.

Neste mesmo ano de 1950, Ester de Abreu participa da criação e inauguração do Departamento de Música Popular Brasileira que acabava de ser projetada pelo então escritor e diretor da rádio Nacional, José Caó, e da fundação da Produtora de Discos Nacionais, com duas músicas pré-carnavalescas, a saber: Beijo ao luar, de Dante Santoro, e A cachopa e a mulata, de Heitor dos Prazeres. Ainda em 1950 a cantora grava o seu primeiro disco de sua carreira no Brasil pela gravadora Continental, contendo composições de autores portugueses e brasileiros: os fados Já não sei, de Alves Coelho Filho e do acordeonista Antônio Mestre, ambos lusitanos e Pomar da vida, de René Bittencourt, compositor brasileiro e Antônio Mestre (disco n. 16-266).

É bom lembrar que dos anos 1930 aos 1960, em especial, no Brasil, mas também nos países vizinhos, a música portuguesa possuía

enorme penetração, graças a fortes migrações de terras d'além mar para o país irmão, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo. As popularidades destes artistas pelas respectivas comunidades e pelos brasileiros era enorme. Maria das Graças, uma cantora portuguesa daquele ano de 1948 foi contratada pela rádio Belgrano de Buenos Aires, por quatro meses seguidos – depois veio ao Brasil e retomou suas atividades como contratada pela rádio Tupi de São Paulo. Maria Alcina Pinto da Costa Duarte, também cantora portuguesa, hoje aposentada, veio para o Brasil na década de 1960 ainda criança. Ela foi dona do restaurante A Desgarrada, no Rio de Janeiro, amiga pessoal e confidente de Ester de Abreu. O restaurante típico Adega de Évora é outro exemplo: um local aconchegante e de fino trato em Copacabana, aberto em 1961 pelo editor Francisco José, foi vendido em 1963 para Maria das Graças e seu esposo. Ester era frequentadora dos locais, onde ia com os amigos para cantar e bater papo.

No final de 1950, em 03 de dezembro, Ester de Abreu estreia também no programa Paisagens de Portugal pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, quarta-feira, das 22h10 às 22h40.

No ano seguinte, a artista d'além mar grava duas músicas de compositores brasileiros: Ai ai ai Portugal, fado-baião de autoria do Rei do Baião, Luiz Gonzaga, e Humberto Teixeira, advogado e primeiro diretor do Departamento de Música Popular Brasileira da Rádio Nacional; e também Carro de boi, baião de Humberto Teixeira e Caribé da Rocha.

Em 1952, grava o seu maior sucesso pela Sinter discos: “Coimbra – É uma lição de amor” e, no ano seguinte, para o Carnaval, a marchinha “Cabral no Carnaval”. O sonho de tocar com uma grande orquestra não demorou a se realizar. Seu primeiro LP “Ester

de Abreu – com orquestra” (de Lírio Panicalli) trazia oito sucessos: o beirão “Ana”; os fados “Mariana”; “Segredo”; “Confesso”; “Perseguição” e o bolero “Reflete amor”; o fado-canção “Coimbra” e o bolero “Outras mulheres”.

Em 1954, a artista lusitana troca de gravadora e passa a pertencer à RCA-Victor e seu disco de estreia é lançado com grande aceitação do público brasileiro: o fado-canção “Rosinha dos Limões”, entre outros, como “Mãe Preta”, toada brasileira de Antônio Caco Velho e Piratini. Em 1955, a artista faz dupla com o cantor Francisco Carlos e lança na gravadora RCA-Victor o fado-marchinha “Moreninha de Lisboa”, dos compositores brasileiros Irani de Oliveira e William Duba, além do samba-canção “Garota do contra”, em dupla com o cantor Ivon Curi, do compositor René Bittencourt. Também grava o passo-doble “Malagueña”, de Ernesto Lecuona, na versão de Júlio Nagib.

Seu segundo LP pela gravadora RCA-Victor foi lançado em 1956, com músicas portuguesas, ritmos brasileiros e versões internacionais, contendo 12 canções. Dentro das comemorações de seus 10 anos no Brasil lançou seu terceiro LP: “Isto é fado”, marco de uma carreira vitoriosa. Na época, recebeu várias homenagens de fãs, a placa de bronze da rádio Nacional, alusiva à data, troféu e medalha no programa de auditório “César de Alencar” e da colônia portuguesa no Rio de Janeiro. Nesse ano, ela estreia um novo programa: Jardim da Europa à beira-mar Plantado. Grava “Se um dia”, samba-canção de Mário Jardim e do colunista social Ibrahim Sued.

Nesse ano de 1956 também grava uma série de discos em 78 rotações: a valsa “Ninguém como tu”; a marcha “Festa das flores” de Ferrer Trindade e Artur Ribeiro e o fado “Foi Deus”, este de Alberto

James; a valsa “Que será, será”, de Jay Livingston e Ray Evans, na versão de Ruy Rey e o fado “Sempre que Lisboa canta”; o baião “Casa portuguesa”, de Artur Fonseca, Reinaldo Ferreira e Matos Siqueira e a marcha “Lisboa antiga”, de Raul Portela, José Galhardo e Amadeu do Vale, “Lisboa não sejas francesa” e outras. No ano seguinte, registra a toada “Só ficou a saudade”, de Dolores Duran e “Canção do imigrante”, além das canções temas de filme “A volta ao mundo” e “Marcelino Pão e Vinho”. Em 1958 gravou o bolero “Tu me acostumbraste” de Frank Domingues na versão de Carlos Brandão e o fado “Figueira da Foz”; também os fados “Mas eu sou fadista” e “Sinal da Cruz” e ainda “Gigi” e “Solidão”. Em 1959 gravou os fados “Amor sou tua” e “Canção da Madragoa”; também o samba-canção “Orgulho”, de Irani de Oliveira e Almeida Rego e o fado “Rua sem luz”, fado de Souza Lambreira; “Lisboa à noite”, de Carlos Dias e Fernando Santos e o samba-canção “Só Deus”, de Evaldo Gouveia e Jair Amorim. Após um interregno sem gravar, em 1961 ela retorna, agora pela gravadora Continental, e grava uma canção em francês, “Les enfants du pirée” e o fado “Lisboa”.

Participa também de quatro shows em caráter filantrópico, a saber: 1) Festival artístico da atriz Maria Isabel Martins (26 de setembro de 1961); 2) Casa da Vila da Feira e Terra Santa (2 de fevereiro de 1961); 3) Festival Luso-Brasileiro no Maracanãzinho. Em 1962, torna-se uma das sócias fundadoras da Socimpro – Sociedade Brasileira de Intérpretes e Produtores Cinematográficos: n. 70. Seu quarto LP, “Amar, Amar”, lançado em 1975, marca o encerramento de sua carreira artística nas gravações. Ester, porém, seguirá cantando e fazendo shows até quase o final de sua vida.

Primeiras gravações de Ester de Abreu no Brasil – lançamentos de discos

1a. gravadora – Continental, de 1950 a 1951

2a. gravadora – Sinter, 1952 a 1954

3a. gravadora – RCA-Victor 1954 a 1959

4a. gravadora – Continental – 1960 a 1963 (?)

5a. gravadora – Philips – 1964 a 1965

6a. gravadora – Copacabana – 1972

Obs.: retorna ao disco em 1975 com o LP intitulado “Amar, amar – Ester de Abreu”, pela gravadora Tapeçar. Teve a solidariedade do dono da revista Manchete, Adolpho Bloch, para lançar este seu último LP de carreira no Brasil

Capítulo 8
A morte de Ester de Abreu



Poema para Ester de Obreu

(Dada ao microfone da Rádio Nacional, por sua autora - a cantora Biche Reis, após sua morte - em 24 de fevereiro de 1977 - R.J. Brasil.

O nome dela era luso-brasileira - ela era portuguesa-brasileira, também, com certeza. Viveu muito tempo entre nós. Estravia de sua voz, mostrava ossos e canções, que ficaram para sempre dentro de nossos corações.

Ela ajudou muita gente, estava sempre contente, sorrindo, alegre feliz.

Ester de Obreu não morreu, ela apenas desceu em um plano superior.

Uma mulher fascinante, sua carreira brilhante, digna, sorriso puro.

Mas deixou muita saudade, aquela sua cidade que ela trazia consigo, a cada lugar que chegava; fazia mais um amigo. Hoje dela lembrança, seu sorriso de

evanesça, boa e carinhosa, ficou imortalizado e será por toda vida, como glória do passado.

Ester de Abreu morreu em 24 de fevereiro de 1997 no Rio de Janeiro, onde vivia desde 1949. Segundo depoimento de Maria Manuela, filha única de Ester de Abreu, quem custeou o funeral de sua mãe foi o médico neurologista Paulo Niemeyer, já falecido, irmão do famoso arquiteto Oscar Niemeyer, também falecido, que foi um fiel amigo e médico da cantora Ester de Abreu. Paulo Niemeyer acompanhou de perto sua luta contra o câncer de mama, com fé e coragem em seus momentos mais difíceis. O médico e amigo da estrela luso-brasileira não deixou que sua filha, Maria Manuela, tivesse nenhuma despesa com o funeral, arcando com todos os custos da cerimônia.

Quando a artista veio a falecer, apenas duas colegas da Rádio Nacional compareceram ao velório: Dayse Lucid, atriz e apresentadora da rádio, e Ellen de Lima, cantora e amiga pessoal de Ester. Porém, segundo depoimento de sua filha, Maria Manuela, formou-se um público imenso de pessoas humildes que a artista Ester de Abreu tinha ajudado em vida, valendo-se de seu prestígio social na emissora da praça Mauá, com empregos e apoio a famílias carentes, que acompanhou o cortejo fúnebre até o cemitério São João Batista, onde a cantora luso-brasileira foi enterrada.

A senhora Maria Cassiano Homem (Maria do Rio), hoje com 82 anos, viveu no Rio de Janeiro por 35 anos. Foi ela quem descobriu, no cemitério de São João Batista, na Cidade Maravilhosa, onde a artista Ester de Abreu estava enterrada, em 2005 - mesmo ano em que eu descobri o paradeiro da única filha da cantora luso-brasileira: Maria Manuela Pereira Rodrigues.

Maria Cassiano, nesta ocasião, generosamente, além de tirar fotos do local onde estavam os restos mortais da cantora, cuidou do

espaço fazendo retornar a pedra de mármore - que estava fora do lugar, além da limpeza do túmulo, colocando flores e lavando o camafeu com a foto da cantora. Um gesto que nunca vou esquecer...

A artista da terra de Camões pediu à sua filha, em vida, que não queria que seu corpo fosse cremado – seu último pedido. Nove anos depois de seu sepultamento, a filha de Ester de Abreu vendeu o túmulo para um italiano, e os restos mortais acabaram sendo cremados, devolvendo suas cinzas à Manuela junto com as cinzas de sua avó, Isabel, sua tia Gilda Valença e de seu pai, Eugênio Pereira Rodrigues Júnior. Também por essa época, Manuela vendeu o terceiro apartamento onde vivia com a mãe, no Recreio dos Bandeirantes, condomínio Camino del Sol, rua prof. Maria Luiza Gonçalves 510/103. Fora a terceira residência de ambas no Rio: antes, vivera por 23 anos em apartamento no bairro do Botafogo, n. 384, apto 801, em cima de uma agência do Banco do Brasil. E, em 1952, seu primeiro apartamento fora localizado no 11º andar do mesmo prédio onde também morava a cantora Carmélia Alves, colega de Ester na Rádio Nacional. Cerca de década e meia mais tarde da partida da célebre e querida cantora alfacinha, foi na morada do céu que Ester reencontrou a filha Maria Manoela, que faleceu em 22 de agosto de 2010. Descansem em paz!

Poema para Ester de Abreu

(Lido ao microfone da Rádio Nacional após sua morte em 24 de fevereiro de 1997, por sua autora – a cantora Bidu Reis. Rio de Janeiro, Brasil)

O nome dela era luso-brasileira – ela era portuguesa –
brasileira, também, com certeza.

Viveu muito tempo entre nós.

Através de sua voz mostrava nossas canções, que ficaram
para sempre dentro de nossos corações.

Ela ajudou muita gente,
estava sempre contente,
sorrindo, alegre, feliz.

Ester de Abreu não morreu,
ela apenas descansou em um plano superior.

Uma mulher fascinante,
sua carreira brilhante,
alegrou nosso país.

Mas deixou muita saudade,
aquela suavidade que ela trazia consigo,
a cada lugar que chegava;
fazia mais um amigo.

Hoje, bela lembrança,
seu sorriso de criança,
boa e carinhosa,

ficou imortalizado e será por toda vida,
como glória do passado.

Capítulo 9
Depoimentos



02 de fevereiro de 2012

Departamento de guarda dos Santos,
produtor, radiante, personalista, apresentador,
advogado e o funcionário mais antigo da
Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

- Ester de Abreu foi uma cantora luso-
brasileira que ereditou o Brasil, com sua
voz, seu charme e seu carisma.
Uma mulher de fino trato, muito elegante
e uma das artistas mais bonitas dos
Anos Dourados do Rádio.

O Ester já veio com fama de Portugal
e quando aqui chegou, conquistou de bre-

30 de novembro de 2012 – Depoimento de Adelaide Chiozzo, 82 anos, cantora, acordeonista da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Participou de vários filmes brasileiros como Aviso aos Navegantes (Atlântida) e ficou famosa pela interpretação da canção Beijinho Doce (1947).

- Ester era uma mulher muito bonita e uma ótima cantora. Ela me ensinou a cantar as músicas portuguesas daquela época. Fomos grandes amigas e colegas de profissão da Rádio Nacional. Mesmo depois de aposentada, a Ester nunca esqueceu do tempo bom da emissora da praça Mauá, dos amigos, colegas e funcionários. A estrela portuguesa com certeza tinha amizade com todo o elenco da casa. Sempre estava telefonando com saudades da turma; me convidava para ir à sua casa, no Alto da Boa Vista, almoçar ou tomar um vinho com ela. A Ester merece este reconhecimento pela sua obra musical e pela sua história de vida, que teve início em Portugal, Lisboa e veio terminar no Brasil. Parabéns pelo trabalho de pesquisa e do projeto Ester de Abreu – na era de ouro do rádio brasileiro.

15 de janeiro de 2012 (15:40) – Depoimento de Ademilde Fonseca (90 anos), cantora e amiga de Ester de Abreu na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, onde as duas artistas eram exclusivas da casa, considerada a “Rainha do Chorinho”. Ademilde ganhou fama por conseguir cantar este ritmo brasileiro que exige rapidez nas palavras para sua interpretação; até então o chorinho só era executado, predominantemente, através de instrumentos musicais, como o cavaquinho.

- É com muito prazer e orgulho que vou falar de Ester de Abreu, uma mulher, antes de tudo, com uma nobreza de espírito sem igual. A

cantora e a mulher Ester ajudava a todos que necessitavam de um emprego ou uma palavra de carinho para sobreviver às dificuldades da vida. A artista tinha influência política e usava este privilégio para fazer o bem de quem dela se aproximasse. Ali mesmo dentro da rádio Nacional a Ester contribuiu para melhorar a vida de muitos colegas. Esta mulher não sabia dizer não: era sempre vou tentar, vou conseguir e assim, com seu carisma e a sua generosidade, ela procurava melhorar a vida dos mais humildes colegas de profissão. Além de ser uma mulher muito bonita, a Ester era uma excelente cantora e uma profissional de primeira linha da PRE-8: chamava a atenção não só dos homens, mas das mulheres também.

- Demoramos um pouco para fazer amizade, pois quando cheguei à Rádio Nacional, em 1952, vinda da rádio Tupi do Rio de Janeiro, ela já estava lá e tinha sua turma. Depois, com o tempo, fomos nos aproximando e fizemos uma sólida amizade; eu pude conhecê-la, conviver e admirá-la não só como cantora e colega, mas também pelo grande ser humano que ela foi aqui na Terra. A Ester deve estar em um bom lugar lá em cima. Deixou boas recordações de vida e sucessos profissionais. Que Deus te dê forças para prosseguir e cumprir com o seu objetivo: publicar o livro da Ester. Que você possa realizar o seu sonho, homenagear o seu ídolo, mesmo sabendo que ele não está entre nós. Parabéns mais uma vez pela persistência, pois esta tarefa não é fácil...

OBS.: Ademilde Fonseca faleceu um mês depois de ter dado este depoimento via telefone para esta pesquisadora da vida e obra de Ester de Abreu.

anos) cantor de grande sucesso da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Colega e admirador da profissão da cantora luso-brasileira, Ester de Abreu. Depoimento via telefone.

- O que posso falar a respeito desta grande artista da Rádio Nacional? Ela foi uma excelente profissional de carreira, muito dedicada à missão de cantar. Apesar de atuar na mesma rádio, nossos horários de ensaios não eram os mesmos, por este motivo não chegamos a fazer uma grande amizade... Mas, em dias de pagamento, nos corredores da PRE-8, a gente conseguia bater um bom papo. Por isso não posso falar muito da mulher Ester de Abreu, mas como profissional, como cantora, aí sim. Eu sempre ouvia a Ester cantar quando estava em minha residência através do rádio, Rádio Nacional, principalmente aos sábados no programa César de Alencar. Como intérprete de músicas portuguesas e brasileiras, bato palmas para Ester porque nenhuma outra patricinha sua fez o sucesso que ela fez em território brasileiro. A prova está em seu trabalho de pesquisa, que visou um projeto aprovado por quatro vezes nas leis de incentivo à cultura. Isto é fantástico e prova o sucesso e reforça o que esta luso-brasileira teve no Brasil. A Ester de Abreu merece que recuperem a sua história e a sua memória, pois esta homenagem vai trazê-la de volta aos palcos brasileiros com seu canto de amor à arte, à cultura de Brasil e Portugal. É tudo que posso falar em meu depoimento desta grande artista do rádio, televisão e cinema brasileiro. Muito obrigado por se lembrar dos artistas dos Anos Dourados do Rádio, esquecidos pela mídia. A Ester merece esta homenagem porque representou, divulgou e difundiu com seu canto a música e a cultura de Portugal no Brasil.

anos), cantora da Rádio Nacional, colega e amiga de Ester de Abreu. A cantora, revelação nos programas de calouros da PRE-8, fez muito sucesso com a música composta para homenagear o concurso das misses dos anos 1950 no Brasil, sendo sua criadora e executada pela primeira vez no programa César de Alencar neste tempo.

- Nada mais justo que fazer uma homenagem em livro para Ester de Abreu. Ela foi uma grande cantora, fez história no Brasil, uma senhora profissional, dedicada à arte de cantar e encantar as pessoas. Uma mulher de beleza, amiga generosa e cativante. Fui muito amiga da Ester e tenho boas recordações desta época de ouro da Rádio Nacional. Uma amizade que durou a vida inteira pois até nos últimos momentos de sua vida eu estava presente. Foi muito triste esse período para mim ver uma pessoa tão rica de sentimento, ir embora assim com uma doença sem cura. Com a sua aposentadoria a gente se afastou um pouco, mas sempre eu tenho notícias dela através de uma advogada que era sua amiga. Esta advogada acho que faleceu também, desapareceu, e eu não tive mais como saber de Ester até o seu falecimento. Fiquei muito abalada com a sua morte e participei de seu velório, mas depois não tive mais contato com Manuela, sua única filha, visto que ela se afastou de todos nós da rádio – nem deixou o seu novo endereço para os amigos de sua mãe. Parabéns pela pesquisa, pelo projeto, que Deus te dê forças para conseguir o seu objetivo, publicar o livro de Ester, ela bem que merece. Tudo isto retrata bem a importância que Ester de Abreu teve nos primórdios da radiofonia do Brasil. Uma artista que difundiu e divulgou a música e a cultura de Portugal e do Brasil não veio para ficar esquecida. Viva os ouvintes da Rádio Nacional, viva os fãs de Ester de Abreu, viva você que está empenhada nesta missão, pois não é fácil. Que Deus te ajude para

prosseguir nesta empreitada e conseguir cumprir com o seu objetivo: publicar o livro de Ester de Abreu e realizar o sonho de homenagear o seu ídolo, mesmo sabendo que ela não está mais entre nós. Parabéns mais uma vez pela persistência e determinação.

10. de fevereiro de 2012 – Depoimento de João Roberto Kelly, grande compositor brasileiro, famoso principalmente pelas composições de marchinhas de Carnaval, em destaque “A Cabeleira do Zezé” e das marchas-rancho que brilharam nos carnavais passados, décadas de 1950, 1960 e 1970 fazendo enorme sucesso em todo Brasil.

-Ester de Abreu foi uma cantora portuguesa que encantou o Brasil nos Anos Dourados da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Além de ter uma voz com recursos, dotes vocais admiráveis, tinha um charme todo especial. Era uma fadista alfacinha que já veio com fama de Portugal em 1949 e foi adquirindo aos poucos o encanto da música brasileira a ponto de Chico Anysio e eu termos composto para ela a marcha-rancho “Ponte Rio-Lisboa”. Ester de Abreu conquistou no Brasil vários admiradores de sua arte tornando-se mesmo uma cantora bastante popular e aplaudida em todo Brasil. Sempre fui seu admirador e amigo.

07 de janeiro de 2012 – Depoimento de Vanilton dos Santos (86 anos), cantor, arquivista musical da rádio Nacional, década de 1950, assistente musical do maestro Chiquinho.

- Ester de Abreu era uma colega muito engraçada, alegre, brincalhona, estava sempre de bem com a vida. Se tinha algum problema, deixava em casa com a família. Na Rádio Nacional era uma mulher atenciosa, afetuosa, uma pessoa generosa, gostava de ajudar os mais humil-

des e os colegas de profissão. Esta luso-brasileira cantava em diversos idiomas, como o francês, o italiano, mas sempre deu preferência para as canções de sua terra natal e as brasileiras com certeza. Além de seu repertório lusitano, a Ester de Abreu cantava samba, samba-canção, toadas, valsas, baião e até marchinhas de carnaval, que fizeram grande sucesso naquela época. A cantora e atriz d'além mar foi um bem maior que a Rádio Nacional conquistou em seu cast de artistas de primeira linha. O Brasil inteiro se encantou com o seu talento e as suas músicas visto que até hoje estão na memória do povo brasileiro. Acompanhei a carreira artística da Ester de Abreu no Brasil desde o seu início (visto que) trabalhei primeiro no arquivo musical da Rádio Nacional. Depois passei a assistente musical do maestro Chiquinho, um dos grandes maestros da PRE-8, responsável pelas gravações de programas semanais da Ester de Abreu na rádio Nacional, famosos em todo o Brasil, pelo padrão de qualidade em sua programação. Durante as gravações na PRE-8 não tínhamos tempo para bate-papo, mas de quinze em quinze dias trocando os tíquetes refeição naquele famoso restaurante da rádio Nacional, frequentado, aliás, por 1500 pessoas todos os meses, tornávamos o almoço e o cafezinho um verdadeiro momento de confraternização. A Ester de Abreu fazia muitas turnês nos anos 1950 e 1960 para a Argentina, Uruguai e Chile, onde ela tinha muito cartaz, principalmente com os portenhos, pois fazia bastante sucesso por lá. Imagine que até o tango esta luso-brasileira cantou na terra de Gardel. Em uma destas turnês eu lhe fiz uma encomenda: um perfume francês – uma água-de-colônia que se chamava *Avant la fête*. Pois bem, ela custou para encontrar por lá e, quando me entregou disse “custei para achá-la, mas enfim...”. E não quis me cobrar esta encomenda (tenho o vidro até hoje deste perfume).

Quando Ester de Abreu estava no início de sua carreira no Brasil, quem lhe deu a mão foi o Ruy Rey, cantor da rádio Nacional, famoso diretor da orquestra que recebeu o seu nome. Ele conseguiu convencer a sua esposa Letícia (não tenho certeza de seu nome), da necessidade de levar a Ester para morar com eles por cerca de dois anos, pois ela estava sozinha no Rio de Janeiro e precisava de apoio para prosseguir a sua carreira artística no Brasil, de 1950 a 1952. Mais tarde, Ester retribuiu esta ajuda e este apoio de Ruy Rey conseguindo para ele, na prefeitura do Rio de Janeiro, capital federal à época, um emprego de fiscal onde ele permaneceu até se aposentar. Bons tempos aqueles em que o então prefeito da Cidade Maravilhosa era o coronel Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, um homem apaixonado por sua noiva, Ester de Abreu.

05 de fevereiro de 2012 – Depoimento de Gerda dos Santos, produtor, radioator, jornalista, apresentador, advogado e funcionário mais antigo da rádio Nacional do Rio de Janeiro.

- Ester de Abreu foi uma cantora luso-brasileira que encantou o Brasil com sua voz, charme e seu carisma. Uma mulher de fino trato, muito elegante e uma das artistas mais bonitas dos anos dourados da rádio. A Ester já veio com fama de Portugal e quando aqui chegou conquistou de imediato o público brasileiro. Admirada e amada pelo Brasil afora, cantou em quase todos os estados do país verde e amarelo e marcou a sua presença com músicas portuguesas e brasileiras que fizeram grande sucesso na sua interpretação. A artista alfacinha foi a cantora portuguesa que mais se identificou com o povo brasileiro, visto que conseguiu fama, reconhecimento e uma imensidão de fãs. Na era de ouro do rádio, recebia cartas na Rádio Nacional dos mais

distantes rincões deste Brasil. Uma colega e amiga da melhor qualidade, sempre disponível para uma palavra de conforto e carinho. Fazia questão de ajudar aquele e situação difícil. Imagine só: a Ester conseguiu um emprego para o Paulo Rodrigues, nosso colega, radioator na Rádio Nacional na prefeitura do Rio de Janeiro. Para muitos colegas de profissão, como foi o caso do Ruy Rey, cantor e diretor da orquestra, ela sempre dava um jeito de ajudar, gente humilde então, nem se fala. A Ester tinha uma visão política em relação à humanidade que sentia prazer em fazer o bem. No golpe de 1964 ela resolveu o problema de vários colegas que foram atingidos nesse período e demitidos da Rádio Nacional, conseguindo para eles uma nova colocação. Quando a Ester ficou noiva do ex-prefeito do Rio de Janeiro, coronel Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, eu estava presente. A recepção foi na casa do Floriano Faissal, nosso colega e grande amigo da Ester desde que ela chegou ao Brasil. Foi uma festa muito bonita, com várias personalidades consideradas para o evento: empresários, políticos, jornalistas, artistas... pena que não teve um final de Cinderela, como todos imaginavam. Havia muito preconceito naquela época: “a mulher independente cantora de rádio!” A Ester era muito apegada à família, tinha um carinho especial pela irmã caçula, Gilda Valença, artista, também a mãe, Dona Isabel, e a filha, Maria Manoela. A Ester foi uma mãe exemplar, queria sempre o melhor para o seu rebenoto: estudo, emprego, independência como mulher, estabilidade financeira e conseguiu. Além de Gilda Valença, que também era cantora e atriz (ela trabalhou com o Mazaropi em sete filmes de sua produtora e chegou a fazer uma novela na antiga TV Tupi de São Paulo, década de 1960), a Ester tinha outra irmã, Julieta Ferreira, casada com Edgar Estrela, chefe de trânsito no Rio de Janeiro. A Ester possuía alguns imóveis que foi

adquirindo durante a sua carreira profissional de cantora e atriz aqui no Brasil. Quando ela tinha dúvidas sobre este assunto, me consultava. Mas depois, devido aos problemas de saúde da família, foi vendendo tudo e entrou em crise financeira. A cantora luso-brasileira morava em um belo apartamento de 200 metros quadrados com móveis de jacarandá, no último andar do prédio do Banco do Brasil, no bairro Botafogo, com vista para o mar. Fui lá no apartamento dela várias vezes como convidado para tomar um bom vinho e comer iscas de bacalhau, jogar buraco... Minha colega e amiga gostava que eu apreciasse com ela uma estatueta entre várias que possuía com a figura de uma leoa que ficava na sala. O último show que assisti de Ester de Abreu foi em uma churrascaria lá em Jacarepaguá. Ele me procurou para que eu a acompanhasse nesse show e depois ao final desta apresentação a levei para sua casa. Minha amiga, minha colega, uma grande cantora, um coração nobre que sobreviveu a tantos desafios na vida! Suas músicas, seu canto e sua interpretação com personalidade, repletas de sentimentos, graça e beleza marcaram a trajetória artística no Brasil. Do amigo e colega Gerdau dos Santos.

30 de novembro de 2011 – 10h30 por telefone, depoimento de Ísis de Oliveira (88 anos), radioatriz do grande elenco de artistas do radioteatro da rádio Nacional. Fez carreira vitoriosa na casa mais famosa da época quando atuou nos principais papéis dos personagens das novelas irradiadas nos horários nobres da rádio, às 20 horas, que fizeram grande sucesso como O Direito de nascer e Em busca da felicidade...

- Muito obrigada por ter se lembrado de mim, quase não estou atendendo telefone, pois tem horas que esqueço o que estou falando.

Estou muito doente. Por duas vezes fiquei viúva, não tive filhos, mas tenho os meus sobrinhos e uma pessoa para me ajudar nos afazeres domésticos. Mas falar de Ester de Abreu é falar sobre um bem maior, em nossas vidas. Tive uma convivência profissional com esta artista portuguesa. Com certeza desde a década de 1950 quando participei de seu primeiro programa na rádio Nacional em 03 de dezembro de 1950, lembrei: Paisagens de Portugal, irradiado às quarta-feiras às 10... não, 22h10... Eu declamava poesias enquanto a Ester cantava. Só tenho a dizer que foram anos de alegria e prazer e só deixaram boas recordações desta época. As transmissões dos programas de rádio eram feitas com muito amor, magia e sedução, visto que os rádio ouvintes não viam os artistas, mas ouviam as suas vozes, suas interpretações. O rádio era um mundo de fantasias que criava cenários na cabeça do brasileira, da massa brasileira... Parabéns pelo trabalho de pesquisa que vem realizando em memória desta grande estrela luso-brasileira cantora e atriz, visto que a Ester trabalhou também no cinema brasileiro, com muita graça e beleza. Era uma mulher que sabia se vestir elegantemente... A artista luso-brasileira, como era chamada na Rádio Nacional, encantou a todos nós, funcionários, desde a direção da casa ao mais simples servidor, com seu canto, sua interpretação com qualidade, sentimento e amor à arte de cantar. Ester tinha uma beleza exterior e interior que emocionava! A estrela portuguesa com certeza foi uma mulher de fibra, coragem e muito talento que sobreviveu às dificuldades do começo de sua carreira no Brasil e conseguiu uma estabilidade de vida para ela e sua família: a filha Maria Manuela e sua mãe Dona Isabel, seus grandes amores. Que a abençoe pelo o que está fazendo, pois fazer algo pelos outros é revelar sentimentos de generosidade, amor e respeito à vida daqueles

que marcaram a sua passagem pela Terra e deixaram uma história para contar; de lutas, mas também de muitas vitórias e sucessos. Muito obrigada, mais uma vez, fica com Deus! Isis de Oliveira.

(OBS.: faleceu em 2012).

Depoimento de Filipe Luiz Coelho - sobrinho-neto da cantora luso-brasileira Ester de Abreu - pelo telefone - O sobrinho-neto de Ester de Abreu, Filipe Luiz Coelho, é filho de sua sobrinha, Olga Maria Gilda Ferreira Coelho, filha de sua 1ª irmã, Julieta de Abreu Pereira, nome artístico; Julieta Valença, que veio para o Brasil com 19 anos, em 1931 e fazia parte do elenco de atrizes principais da Companhia de Teatro da Revista Portuguesa Adelina-Aura-Abranches.

Filipe Luiz Coelho nasceu em Brasília, em 3 de Junho de 1971, mas aos 2 anos de idade mudou-se para o Rio de Janeiro com seus genitores, onde cresceu. Hoje é funcionário público, bancário, curso superior, casado, tem uma filha adolescente. De acordo com seu depoimento, o sobrinho-neto de Ester de Abreu, tinha pouca convivência com a prima, Maria Manuela, filha de sua tia, Ester de Abreu.

Maria Rita e Pedro Gabriel

Maria Rita Camargo Branco Ribeiro, paranaense de nascimento, foi uma grande amiga de Ester de Abreu. Logo no começo de sua carreira artística, no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, onde a artista luso-brasileira fixou residência quando chegou ao país. A primeira residência da cantora portuguesa no Rio de Janeiro, em 1950, foi na Avenida Oswaldo Cruz, em uma casa alugada ao lado da “Cias” e Lojas Americanas. Maria Rita era tia e mãe adotiva de Pedro Gabriel Schander, que foi morar em sua companhia quando tinha apenas 1 ano e meio de idade. Motivo: sua irmã, mãe de Pedro Gabriel, tinha falecido no parto, e o pai de seu sobrinho, sem condições de criar o filho sozinho, preferiu levá-lo para o Rio de Janeiro, onde ficou sob os cuidados da tia, que o tinha como filho.

Quando adolescente, na casa da tia e mãe adotiva, na Cidade Maravilhosa, o jovem, Pedro Gabriel, acompanhou de perto o início do romance entre a “cantora de rádio” Ester de Abreu e o coronel Dulcídio Cardoso, ex-prefeito do Rio de Janeiro de 1952 a 1954 (quando, então, foi afastado do cargo com a morte do presidente da República, Exmo. Senhor Getúlio Vargas). Mais tarde, na fase adulta, Pedro Gabriel foi trabalhar em Minas Gerais na cidade de Vespasiano, onde conheceu a sua futura esposa, com quem se casou. Chegou a fundar “A Associação de Orquídeas” da cidade, onde era sócio-presidente. O sobrinho e filho adotivo de Maria Rita era uma pessoa ativa para sua idade. Pedro Gabriel teve duas filhas de seu casamento, ambas professoras; Ondina e Cláudia. Em março de 2013, chegou a completar 93 anos, logo depois veio a falecer.

Obs.: O senhor Pedro Gabriel foi a primeira pessoa entrevistada para

o projeto Ester de Abreu, e a primeira pessoa que indicou nome e endereço de um dos colecionadores de revistas antigas, em especial, “Radiolândia”, em Belo Horizonte.

Alguns prêmios recebidos por Ester de Abreu no Brasil

- 1 – Medalha de ouro Getúlio Vargas “Paz e Amizade”, Brasil-Portugal
- 2 – Medalha de ouro Juscelino Kubitscheck
- 3 – Medalha de ouro Programa César de Alencar - “A Ester pelos seus dez anos de aniversário de permanência na Rádio Nacional” 1949-1959.
- 4 – Medalha de ouro da rádio Nacional e placa comemorativa “A Ester pelos seus dez anos de magnífico sucesso na Rádio Nacional” 1949-1959. (OBS.: Esta placa está desaparecida desde a revolução ou golpe, no Brasil, em 31 de março de 1964)
- 5 – Medalha de Ouro da Rádio Nacional (40 anos) – Radiobrás
- 6 – Medalha Roquete Pinto – programa: Márcio de Hallivan (empresário da artista nos anos 1960 e 1970)
- 7 – Medalha do Programa de Manuel Barcellos
- 8 – Medalha do Mérito – D. João VI com diploma e troféu (1980) entregue a personalidades que se destacaram em diversos setores da vida pública em 1979 (música)
- 9 – Medalha de Bronze, Craveiro Lopes e JK
- 10 – Troféu do Programa Paulo Gracindo – Rádio Nacional (RJ)
- 11 – Troféu do Programa Aérton Perlingeiro – TV Tupi, Canal 6 “Campeões da Semana do Disco”
- 12 – Homenageada pela Cidade de Miami, Flórida (USA) com a chave da cidade pelo prefeito Haroldo Shapiro (1953)
- 13 – Placas de pratic-ginásio clube de Lisboa; TV Piratini de Porto Alegre; do jornal Portugal em Foco
- 14 – Do luso-brasileiro Tênis Clube...
- 15 – Medalha Roquette Pinto – programa: Márcio de Gallivan

(empresário da artista nos anos 1960 e 1980)

16 – Título de Cidadã do Estado do Rio de Janeiro (Assembleia Legislativa RJ), autoria do deputado Fernando Leandro (1986) e grande homenagem que Ester de Abreu recebeu pelos relevantes serviços prestados à música.

Posfácio

por Nísio Teixeira

A história desse livro começou numa tarde de maio de 2011, quando Antônia Lúcia de Moraes (a partir de então “Dona Antônia”) apareceu na sala do antigo laboratório Labmídia, no terceiro andar da Fafich. Fazíamos uma das primeiras reuniões do então grupo de pesquisa “Som e Mídia”, à época também responsável pela gestão das demandas do laboratório e envolvido com o recém-lançado projeto de extensão “Aqui e Outrora”, projeto voltado para a pesquisa e ações - sobretudo por meio da rádio UFMG Educativa 104,5 FM - em torno da indústria cultural e cotidiano na música popular e no jornalismo cultural brasileiros nos anos 1930 e 1940. Entre os presentes estavam, além da professora Graziela Mello Vianna, que posteriormente também contribuiu com importante pesquisa em Portugal sobre as partituras de Ester, discentes como Gustavo “Kassamba” Magalhães, Júlia Del Papa, Louise Vieira, Gabriela Silveira, Matheus Arvelos e Ana Carolina Rodarte. Residente em Vespasiano, naquele momento Dona Antônia estava em negociações para a publicação de uma sonhada biografia em torno da trajetória da intérprete Ester de Abreu: havia submetido o projeto a leis de incentivo diversas e batalhava por captações à proposta ao mesmo tempo em que igualmente também solicitava apoio direto para variadas instituições.

Naquela ocasião, com Matheus e Ana Rodarte à frente, fizemos mais de 10 horas de trabalhos de digitalização de quase duas centenas de fotos e materiais que a pesquisadora detinha sobre Ester de Abreu, de modo que essa ação pudesse auxiliar na organização desse acervo, facilitando a editoração do livro, quando, eventualmen-

te, o mesmo fosse aprovado. Outro processo que teve início foi o de digitação das letras de todo o acervo musical que Dona Antônia dispunha sobre a cantora, processo que foi desdobrado no semestre seguinte, sendo incorporado à dinâmica da disciplina optativa “Produção de rádio”, oferecida em 2011/2 e que também se engajou com o projeto “Conte uma Canção”. Este projeto articula pesquisa e extensão na sala de aula: sob a forma de uma “pílula” de programação na rádio (em torno de 10 a 15 minutos), discentes apresentam uma canção para ouvintes após informarem alguns aspectos em torno da mesma, pesquisados por eles próprios.

A realização do “Conte uma Canção” havia começado no primeiro semestre de 2011, em torno do intérprete Roberto Paiva e seguia, portanto, no segundo semestre, com a organização dessas informações em torno do acervo musical de Ester de Abreu. Cada discente¹ da turma de produção de rádio se envolveu na transcrição, no total, de quase 60 letras, sendo mais da metade delas convertidas em programas “Conte uma Canção” referentes ao material cancionero disponibilizado por Dona Antônia, que não só participou do início e do final do semestre desta disciplina, mas também foi convidada a falar na rádio UFMG Educativa sobre seu projeto. Acreditamos que, assim, não só organizamos para usos futuros do projeto de Dona Antônia dois acervos importantes de sua pesquisa – as imagens e as canções – mas também, com o apoio da rádio UFMG, ajudamos a dar maior visibilidade midiática à sua iniciativa, contribuindo, nesse

¹Os discentes que contribuíram para a organização e visibilidade desse acervo de Dona Antônia naquele segundo semestre de 2011 foram: Abdelasy Sousa; Alessandra Dantas; Decius Diniz; Eduardo Damasceno; Eveline Souza Xavier; Gabriela Garcia Abreu; Glauber Guimaraes; Herman Ameno; Laura Lima; Luiza Tomagnini; Marcela Karitas; Maria Cláudia Bonutti; Mariana Borges; Olivia Resende; Otavio Zonatto; Patricia Penna; Raisa Mendes; Sarah Dutra Santos e Widller Maciel.

esforço extensionista, com um maior apoio ao empenho de Dona Antônia em seu projeto pessoal sobre a cantora luso-brasileira.

Alguns anos depois, Antônia reaparece ao grupo, agora já rebatizado como GrisSom, dizendo que não havia conseguido patrocinadores para seu projeto naquela ocasião anterior. Tinha até tentado uma oportunidade similar em sua própria cidade, Vespasiano, mas também sem sucesso. Então eu, bem como outros membros do grupo, estimulamos Dona Antônia a escrever diretamente o próprio livro, uma vez que parecia ser esta uma demanda de alguns pareceres das leis de incentivo sobre a proposta: algum tipo de esboço sobre a obra. Dona Antônia começa então a escrever páginas e páginas em seus cadernos de pauta sobre a trajetória da artista. Ana Rodarte, que já havia organizado os programas Conte uma Canção sobre Ester de Abreu no Soundcloud ajuda em um primeiro momento, mas, com sua graduação, é substituída por outra discente bolsista, Ana Clara Bethônico, que também auxilia no procedimento – e igualmente até sua graduação. E ainda há a discente Dora Guerra, que depois também auxilia na transcrição.

Devido a uma série de razões, sobretudo a problemas de saúde, a escrita de Dona Antônia sofria algumas pausas ao longo do processo. Em 2019, com a disciplina de projetos C, organizo com os discentes uma linha do tempo biográfica em torno das ocorrências noticiosas em torno da intérprete luso-brasileira nos periódicos disponíveis na Biblioteca Nacional. O objetivo da disciplina era explorar as possibilidades de estudo biográfico pelos jornais, ao mesmo tempo em que, juntamente com os discentes², avaliamos não só o aspecto

²Além dos três discentes mencionados adiante no corpo do texto, esse levantamento contou com o apoio de Ana Carolina Nicolau; Bruno Simões; Camila Maria; Érica Santos; Felipe Werneck; Gabriele Álvares; Giulliana Santos; João Vitor; Larissa Vieira; Marcela Brito; Mariana Costa; Mateus Carvalho; Mateus Santos; Naide Sousa; Natália Reis; Pedro Antuña e Vitória Brunini.

histórico e editorial dos veículos, mas, em alguns casos - como nos trabalhos de Helder Alves, Leila Barbosa e João Pedro de Carvalho - até mesmo a qualidade da cobertura da imprensa dedicada à artista. Mas, certamente, mais do que trazer todo esse gigantesco acervo para a pesquisa de Dona Antônia, a intenção era buscar uma nova injeção de ânimo à pesquisadora, uma vez que já havia muitas páginas escritas por ela e, a pedido da própria turma - que também conheceu a autora em ocasiões de início e final do semestre - e deste professor, faltava um capítulo que trouxesse a história da relação de Dona Antônia com a própria cantora - o que foi feito ao longo do ano, com a promessa de entrega, afinal, de todo o material para o início de 2020.

Entrementes às quase infinitas versões dos capítulos que chegavam das páginas manuscritas de Antônia, coube a mim mesmo, a partir desse momento, a tarefa de não só de transcrever, mas de reunir e editar todas as versões em uma só. A chegada da pandemia, mais uma vez, adiou o processo, mas, ano passado retomamos o contato e, afinal, as últimas versões.

Assim, ao longo dos últimos meses o trabalho foi finalizado e, com o apoio da empresa júnior de Comunicação, Cria, conseguimos organizar o acervo de Dona Antônia em um site - o que incluía também a versão deste e-book, ora finalizado e entregue à leitura.

Aproveito aqui a oportunidade não só para agradecer a todos os discentes acima mencionados, mas também ao professor Daniel Melo Ribeiro, que trouxe a ideia do site como um vértice aglutinador dos acervos que inspiraram Dona Antônia e acompanhou os momentos finais desse projeto, bem como aos discentes da Cria Jr., sobretudo à Samara Carvalho, ao Hugo Gonçalves, Maria Júlia, que acolheram com empenho e carinho essa missão, recebida por Ana Luíza Nunes,

Arthur Juliano e João Vítor. Também é importante registrar aqui o apoio do setor de transportes da Fafich, que por meio da Gleyce Kelly, desde 2019 com o motorista William providenciou o traslado de Dona Antônia para aulas e, em 2023 e 2024, com o motorista João Antônio, para as reuniões com a Cria em torno do projeto. Bem como, ainda, à vizinha e amiga Solange pela ponte comunicativa nos momentos finais do preparo deste trabalho. A vocês, também nossos agradecimentos!

Por fim, claro, não posso deixar de agradecer Dona Antônia pela oportunidade de todos nós compartilharmos sua luta, esforço, empenho e obstinação afetiva e amorosa em preservar e difundir a memória de uma de nossas mais importantes intérpretes. Parabéns Dona Antônia e que todo esse material possa convidar a todas as pessoas a conhecer melhor a biografia e a trajetória de Ester de Abreu – e também a sua!

Agradecimentos “Especiais”

- Famílias Issa e Salomão em Vespasiano; em memória de Dona Rosa Issa e Petrônio Salomão;
- Ex-prefeito de Vespasiano Carlos Murta;
- Sra. Vera;
- Vereadores da Câmara Municipal de Vespasiano em 2005, 2006, 2007...
- Márcia, filha de “Dona Nair”, diretora do grupo Escola Coração de Jesus, em Vespasiano;
- Sr. Luiz Carlos Fricher, colecionador de Revista Radiolândia e Revista do Rádio;
- Sra. Carla Cristiano – Lei de Incentivo à Cultura da prefeitura de Belo Horizonte;
- Sr. Francisco da FM Estamparia, que confeccionou as camisetas de Ester de Abreu;
- Programas da Rede Minas: Brasil das Gerais (apresentadora Roberta Zampetti); Programa Agenda; jornalista Elizabeth Martins; jornalista e apresentadora Cristina Magalhães;
- Sr. Armando, dono da rádio Nova Onda, de Lagoa Santa;
- Sr. Maurício, funcionário mais antigo do Automóvel Clube;
- Sr. Levy Freire, empresário dos artistas dos anos 1950 (em memória);
- Sr. Pacífico Mascarenhas, músico, compositor, diretor social do Minas Tênis Clube 2 (em memória);
- Sr. José Luiz Soares, colecionador de discos de vinis e das revistas Radiolândia e Revista do Rádio;
- Sr. Acyr Antão, comunicador da rádio Itatiaia;
- Sr. Carlos Chaves, produtor musical, apresentador da rádio Inconfi-

dência nos anos 1950;

- Sr. José Céu Azul Soares (em memória);
- Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte;
- Fadista Maria Alcina Pinto da Costa Duarte;
- Sr. Ricardo Parreiras, apresentador do programa “Clube da Saudade”, rádio Inconfidência;
- Rádio Globo carioca, programa Antônio Carlos;
- Rádio Nacional do Rio de Janeiro, programa de Gerdau dos Santos;
- Nísio Teixeira, professor do departamento de Comunicação Social da UFMG;
- Rádio UFMG Educativa;
- Sr. Cristiano Menezes (em memória);
- Ana Carolina Rodarte;
- Sr. Arthur Luiz Ferreira, editor (em memória), e jornalista Tatiana, do jornal Edição do Brasil;
- Flávia Botelho – Espaço Ampliar;
- Filipe Luiz Coelho, sobrinho-neto de Ester de Abreu;
- Sr. Roberto Mendonça, editor, e jornalista Viviane Moreno, do caderno de Cultura do Hoje em Dia;
- Sr. Antônio Lisboa, coordenador do coral Mater Dei em 2005, 2006...;
- Padre João Bosco – Basílica de Nossa Senhora de Lourdes, Belo Horizonte;
- Sr. José Américo Ribeiro (em memória);
- Sra. Heloísa Paladino – Rádio Globo (RJ);
- Sr. João Pedro Duarte, funcionário da TAP, companhia aérea portuguesa;
- Daniela Freitas e Patrícia dos Santos Freitas, produtora cultural de

Vespasiano;

- Sr. Gilberto Menezes, jornalista e escritor;
- Sr. Carlos Ferreira Chaves, jornalista, escritor, produtor musical;
- Sr. Rogério Correia da Silva – TRE/BH;
- Sr. Carlos, vendedor de revistas e discos de vinil da avenida Paraná, em Belo Horizonte;
- Sr. José Lourenço, gerente de marketing da Belotur – BH;
- Sra. Maria Lúcia, prima e cantora;
- Sra. Patrícia Longo, colega e amiga da UFMG;
- O casal Sr. William e Sra. Ângela Toussaint;
- Rádio Jornal do Comércio, Recife;
- Jornalista Thaís Matarazzo, São Paulo;
- Jornalista e editor João Paulo Cunha, Estado de Minas (em memória);

Por fim, às quase 2500 pessoas que, em março de 2005, participaram de um abaixo-assinado em prol da memória da cantora Ester de Abreu.



Recordar é recortar, no tecido da mente, pedaços marcantes de vivência passada. Os acontecimentos na vida só serão gravados na memória se no momento de sua ocorrência impressionarem o coração e a alma. Aquilo que nos marca em nosso mundo sensível, seja nos agradando, seja nos machucando, ficará guardado em nossa mente e em nosso coração. Estes conteúdos vão constituir nossas premissas, nossas crenças. Este livro é o relato de homenagem de uma fã que conta sua história e da admiração que sempre teve pela cantora e atriz luso-brasileira Ester de Abreu (1923-1997), sua musa inspiradora desde criança, na década de 1950.